

RETRATOS DE

MULLHER



Rodin, watercolor sketch of woman dancing

**ALUNOS, PROFESSORES E PAIS DO AGRUPAMENTO
DE ESCOLAS GABRIEL PEREIRA DE ÉVORA**

RETRATOS DE MULHER

**ALUNOS, PROFESSORES E PAIS DO AGRUPAMENTO
DE ESCOLAS GABRIEL PEREIRA DE ÉVORA**

8 de março de 2019

Título: Retratos de Mulher.

Projeto: Gracinda Mendes, Helena Bruno, Manuel Dias, Maria José Silvestre, Natália Papa, Natércia Fadista

Autores: Alunos, professores e pais do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira de Évora

Colaboradores: Alunos, pais e professores do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira de Évora (Ana Tavares, Cândida Almeida, Gabriela Nunes, Jesuína Barcelos, Maria Isabel Carreira, Paula Paquete, Raquel Barreto; Rute Traguedo)

Organização: Maria José Silvestre

Publicação: Manuel Dias

Edição: Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira – Évora

Seleção de imagens: Maria José Silvestre (Coord.), Ana Tavares, André Grilo, Jia Jing Xu, João Madeira, Madalena Vasconcelos, Maria Beatriz Bilo, Mariana Marques, Marta Rosa, Miguel Ribeiro, Pedro Bilo, Raquel Madeira e Susana Ramos

Paginação: Maria José Silvestre e Manuel Dias

Revisão dos textos: Maria José Silvestre (Coord.), Gracinda Mendes, Helena Bruno, Natália Papa, Natércia Fadista

Páginas: 122

Ano de publicação: 2019

Índice

Prefácio

Parte I – Eu, mulher me confesso!

Mulher, palavra composta – Natália Papa (professora)

Aprender a ser mulher – Cândida Almeida (professora)

Ela – Joana Almada, 12.º E

Ser mulher: ontem e hoje – Susana Ramos, 12.º E

A mulher anónima – Margarida Santos, 10.º D

Desigualdades de género na Literatura – Matilde Soares, 10.º D

Nós exigimos equidade de género! – Afonso Antunes, Ana Pereira, Duarte Prezado, Emília Ferreira, José Cabaço, Rafael Ribeiro, 8.º A

Autorretrato enquanto leitora I – Helena Vornicescu, 10.º D

Autorretrato enquanto leitora II – Inês Gancho, 10.º D

Autorretrato enquanto leitora III – Matilde Soares, 10.º D

Mulheres – Rita Neves, 7.º B

Eu – Vera Sebastião, 12.º E

Parte II – A mulher e o (des)amor

O namoro não tem idade – Inês Gancho, 10.º D

O namoro ontem e hoje – Marta Rosa, 10.º D

Uma definição de namoro – Jia Jing Xu, 10.º D

Ser romântico está fora de moda – Rita Consolado, 10.º D

«Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades...» – Inês Oliveira, 10.º D

Diferenças – Madalena Costa, 10.º D

Namoro – Madalena Vasconcelos, 10.º D

Uma definição de amor – Mariana Marques, 10.º D

Já não existem Romeus e Julieta – Marcelo Júnior, 10.º D

Andas com alguém? – Carolina Palma Drof, 10.º D

O amor sempre será amor – Afonso Cadete, 10.º D

Pedro e Inês – Maria Laranjeira, 7.º I

Poema para Soraia – Gustavo Antunes, 7.º I

História sem final feliz – Patrícia Caeiro, 10.º E2

Parte III – Grandes mulheres

Uma visão desfocada da mulher ao longo da História – Susana Ramos, 12.º E

Pelo direito à igualdade – Tiago Fretes, 7.º B

As sufragistas – Susana Ramos, 12.º E

As mulheres na Matemática – André Grilo, Jia Jing Xu, João Madeira, Marta Rosa e Raquel Madeira, 10.º D

A presença feminina na História da Matemática – Madalena Vasconcelos, Maria Beatriz Bilo, Mariana Marques, Miguel Ribeiro, Pedro Bilo, 10.º D

M de Mulher e de Matemática – Afonso Cadete, 10.º D

As mulheres que as ruas de Évora homenageiam – Beatriz Calvino, Guilherme Gusmão, Inês Gancho, Marta Rosa, Raquel Madeira, 10.º D

Wang Zhen Yi – Jia Jing Xu, 10.º D

Carolinas e feministas – Susana Ramos, 12.º E

Simone de Beauvoir e o neofeminismo dos anos 60 e 70 do século XX – Susana Ramos, 12.º E

Betty Friedan e o feminismo liberal – Susana Ramos, 12.º E

Maria de Lourdes Pintasilgo. Primeira-ministra do V Governo Constitucional – Ana Tavares (professora)

A vida é o palco e Amélia Mendonza – Catarina Viegas e Inês Emílio, 9.º B

Leonor Beleza: uma biografia – Ana Oliveira, Mariana Imaginário, Mariana Carriço, Miguel Borrhalho, 11.º M
– Curso Profissional Técnico Auxiliar de Saúde

- [As “igualdades” de Michelle Obama](#) – Graça Noites, 9.º B
- [Rosa Parks: como um simples ato pode mudar a História](#) – Filipa Judas e Joana Sarkar, 9.º B
- [Parte IV](#) – As mulheres da minha vida
- [A que marca para a vida...](#) – Madalena Marmeleira, 10.º G
- [Cinco mulheres na minha vida](#) – Raquel Barreto (mãe)
- [Avó Jesus](#) – João Ferreira, 9.º B
- [A minha avó](#) – Beatriz Calvino, 10.º D
- [A minha mãe](#) – Margarida Almeida, 9.º C
- [A mulher da minha vida I](#) – Marta Rosa, 10.º D
- [A mulher da minha vida II](#) – Inês Gancho, 10.º D
- [A mulher da minha vida III](#) – Guilherme Gusmão, 10.º D
- [Mães: as mulheres das nossas vidas](#) – Alunos das turmas 7.º A e 7.º B
- [A minha irmã](#) – Madalena Avó, 7.º A
- [Luísa Santos, uma grande mulher](#) – Rafaela Tendeiro, 7.º I
- [As mulheres da minha vida I](#), Maria José Silvestre (professora)
- [As mulheres da minha vida II](#) – Catarina Chaveiro, 7.º A
- [As mulheres da minha vida III](#) – Inês Pombo, 7.º A
- [As mulheres da minha vida IV](#) – Mafalda Camoesas, 7.º A
- [As mulheres da minha vida V](#) – Matilde Simão, 7.º A
- [As mulheres da minha vida VI](#) – Matilde Cravosa, 7.º B
- [As mulheres da minha vida VII](#) – Rita Costa, 12.º F
- [As mulheres da minha vida VIII](#) – Rita Pires, 7.º A
- [As mulheres da minha vida IX](#) – Tiago Fretes, 7.º B
- [Supermãe](#) – Rita Gomes, 7.º I
- [Supermães, Super-avós e Outras Mulheres das Nossas Vidas](#) – Alunos das turmas 7.º A e 7.º B
- [Dedicatória](#) – Maria Inês Cristóvão, 12.º E
- [A\(s\) mulher\(es\) da minha vida I](#) – Catarina Rosmaninho, 12.º F
- [A\(s\) Mulher\(es\) da minha vida II](#) – Susana Ramos, 12.º E
- [Carta à minha avó](#) – Inês Malhado, 12.º E
- [Carta à minha mãe](#) – Liliana Marques, 12.º E

PREFÁCIO

Retratos de Mulher é o resultado da ideia coletiva de um grupo de professores de Português (do 3.º ciclo e Ensino Secundário) do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira de Évora. Partindo do objetivo inicial de dar sentido e visibilidade à produção escrita dos alunos, aliou a esta uma segunda intenção: celebrar todas as mulheres, no dia que internacionalmente recorda os seus esforços de equiparação aos direitos que a História revela lhes terem sido negados pelos homens.

Destes desígnios nasceram as quatro áreas temáticas que compõem os retratos das mulheres que aqui são pintados com palavras e ilustrados com obras de diversos autores e escolas artísticas. Na Parte I – Eu, mulher me confesso!, encontramos textos autobiográficos e descritivos sobre o que foi e é ser mulher. A Parte II – A mulher e o (des)amor integra textos que vão desde a visão de alunas e alunos sobre o namoro e as relações amorosas à declaração amorosa poética, passando ao (re)conto de histórias de amor com final feliz ou infeliz. Já na Parte III – Grandes mulheres lermos textos sobre mulheres que marcaram a História, portuguesas (figuras públicas nacionais ou alentejanas, mais ou menos conhecidas) ou estrangeiras, da literatura, da política, da Matemática e de outras áreas do saber e ainda da dança. Porém, o retrato não estaria completo sem a última temática que compõe este Retratos de Mulher, a Parte IV – As mulheres da minha vida. São textos sobre as avós, as mães, as irmãs, as madrinhas, as colegas da escola, as amigas e até as professoras que tiveram (e têm) impacto nas vidas dos seus autores e autoras e constitui a parte mais significativa desta obra.

Diversidade é a palavra que talvez melhor caracterize estes Retratos de Mulher. Nele encontramos textos individuais e textos coletivos, em prosa e poéticos, narrativas, descrições, testemunhos e epístolas. Produzidos uns em oficinas de escrita e em contexto de aula de Português, outros são o resultado de trabalhos de pesquisa de disciplinas como a História, a Matemática e o Português, e outros ainda inserem-se em projetos, no âmbito dos Domínios de Autonomia Curricular (DAC) de diferentes turmas. Porém, todos eles comungam de duas qualidades: são fruto de criação e imaginação e foram produzidos essencialmente com o coração!

A todos os autores e leitores desejamos um feliz Dia Internacional da Mulher 2019.

Maria José Silvestre

PARTE I

Eu, mulher me confesso!

Mulher, palavra composta – Natália Papa (professora)

Surge-me no pensamento uma figura,
Estrela-rainha.

Jamais tomba do trono,
Jamais se encosta a colunas frias,
Jamais olha para o lado,
Quando o caminho se insinua a direito.
É preciso rasgar, romper e empunhar a espada.
É a Mulher-Labutadora, palavra composta, palavra complexa.

Surge-me no pensamento uma figura,
Astro flamejante.

Sempre de olho no espelho
Em busca das suas formas.
Sempre à espreita do brilho dos seus olhos, que não quer baços.
Sempre de vigia àquele jardim, que reserva secretamente para o seu amante.
É preciso atear a chama, é urgente alimentar a fogueira.
É a Mulher-Esposa, palavra composta, palavra complexa.

Surge-me no pensamento uma figura,
Lua de doçura.

Infinitamente, os seus braços mostram muralhas intransponíveis.
Infinitamente, ilumina a sua prole.
Infinitamente, guarda o melhor para o repartir;
Fica sem nada, se presente a prole desvanecida.
É preciso consolar e proteger, é urgente empurrar para vencer.
É a Mulher-Mãe, palavra composta, palavra complexa.

Aprender a ser mulher – Cândida Almeida (professora)



Mulher de chapéu – Amadeu Modigliani

Aprende-se a ser mulher observando e convivendo com as mulheres que nos rodeiam. A marca que essas mulheres deixam em nós passa a integrar, ao longo dos anos, traços da nossa personalidade. Quando nos distanciamos e analisamos esses traços, conseguimos identificar as pessoas que os inspiraram e moldaram. Na minha vida destaca-se uma mulher: a minha avó paterna, uma sobrevivente da Guerra Civil espanhola, precocemente viúva e analfabeta. Contrastava a dureza da sua vida com a doçura que me dedicava. A ela se deve quase tudo no meu percurso de vida. Ela foi sempre o impulso, o porto de abrigo, o refúgio...

Ela – Joana Almada, 12.º E

São as coisas simples que ela faz
Que me fazem amar;
Um equilíbrio entre egoísmo e altruísmo
Que não é fácil de parar.

Ela compreende-me quando ninguém o faz.
É o centro do meu ser
E a única capaz
De me insatisfazer.

Gostava que o mundo olhasse para ela
Da maneira que eu o faço;
Esta Menina, Mulher, uma Estrela
Perdida no espaço.

Quando olho para ela
Com olhos de ver
Vejo-a cansada, porém feliz,
Algo difícil de descrever.

Esta chama que ela alimenta,
Esta vontade de viver.
Viver para amar,
Aprender para a compreender
E cair para saber como a levantar.

A Mulher da minha Vida.
Se este título tiver que ser atribuído
A alguém
Que seja a mim
E a mais ninguém.

Ser mulher: ontem e hoje – Susana Ramos, 12.º E

Pode afirmar-se que o feminismo existiu sempre, em diferentes sentidos. No sentido mais amplo do termo, sempre que as mulheres, individual ou coletivamente, se queixaram do seu injusto e amargo destino sobre o patriarcado e reivindicavam uma situação diferente, uma vida melhor. No entanto, em investigações sobre este tema é costume abordar o feminismo de uma forma mais específica: tratarei dos diferentes momentos históricos em que as mulheres chegaram a articular, tanto na teoria como na prática, um conjunto coerente de reivindicações e se organizaram para consegui-las. Como salientam as recentes histórias das mulheres, estas tiveram quase sempre um importante protagonismo nas revoltas e movimentos sociais. No entanto, se a participação das mulheres não tiver consciência da discriminação sexual, não pode considerar-se feminista. Importa referir que este texto se baseia na estrutura da obra de Ana de Miguel Álvarez, *O Feminismo Ontem e Hoje*, pelo que a informação base é dela retirada (páginas 9 a 62).

O processo de recuperação histórica feminista mal começou. Em cada dia que passa, as investigações acrescentam nomes novos à genealogia do feminismo e aparecem novos dados em volta da longa luta pela igualdade sexual.

FEMINISMO PRÉ-MODERNO

Em geral, pode afirmar-se que foi nos períodos de Iluminismo e nos momentos de transição para formas sociais mais justas e libertadoras que surgiu com mais força o movimento feminista.

No entanto, é possível rastrear sinais desta polémica nos princípios do período clássico. A Ilustração sofisticada produziu a ideia da igualdade entre os sexos, embora tenha sobrevivido muito melhor a reação patriarcal que gerou “as zombarias bifrontes de Aristófanes, a Política de Aristóteles, o recolhimento de Platão” (A. Valcárcel, “Es el feminismo una teoría política?”, *Desde el feminismo*, n.º1, 1986). Com tão ilustres precedentes, a história ocidental foi tecendo minuciosamente – a partir da religião (note-se a prece matinal dos judeus: «Bendito seja Deus nosso Senhor e o Senhor de todos os mundos por não me ter feito mulher»), do direito e da ciência – a inferioridade da mulher em relação ao homem. Discurso que parecia dividir em dois a espécie humana: dois corpos, duas razões, duas morais, duas leis.

«Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher.» - Pitágoras

O Renascimento trouxe consigo um novo paradigma humano, o da autonomia, mas este não se estendeu às mulheres. A identificação do humano com os homens permite a aparência de universalidade do “ideal de homem renascentista”. No entanto, o culto renascentista à graça, à beleza ou ao engenho, e à inteligência teve alguma consequência para as mulheres. A importância da educação gerou numerosos tratados pedagógicos e abriu um debate sobre a natureza e deveres dos sexos. Neste período, juntamente com a Reforma protestante, surgiram também várias heresias, como as milenaristas, formadas principalmente por mulheres. Consideradas como seitas e perseguidas pela Inquisição desde inícios do século XIV, afirmavam que Eva ainda não teria sido salva, uma vez que a redenção de Cristo não havia abrangido a mulher.

FEMINISMO MODERNO

As raízes iluministas e a revolução francesa

O Iluminismo de meados de século XVIII, com figuras como Voltaire, Jean-Jacques Rousseau, Montesquieu, Diderot, d'Alembert e Mirabeau, afirma-se que todos os homens nascem livres e iguais e, portanto, com os mesmos direitos.

Poulain redige Sobre a Igualdade dos Sexos (1673), onde inclui reivindicações de contrariedade entre o iluminismo e a falta de direitos civis e políticos das mulheres, sendo primeira obra feminista centrada explicitamente em fundamentar a exigência de igualdade entre os sexos.

«Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, ao mesmo tempo, juiz e parte.» - Poulain de La Barre

Na Revolução Francesa veremos aparecer não só o forte protagonismo das mulheres nos acontecimentos revolucionários, mas a aparição das mais contundentes exigências de igualdade sexual. A exclusão das mulheres da convocação dos Estados Gerais por Luís XIV levou a que elas comesçassem a redigir os seus próprios “cahiers de doléance”. Com eles, as mulheres, que se autodenominaram “o terceiro Estado do terceiro Estado”, mostraram a sua clara consciência de coletivo oprimido e os benefícios para o patriarcado da sua opressão.

No entanto, a Revolução Francesa constituiu uma derrota para o feminismo, amarga e seguramente inesperada. Os clubes de mulheres foram encerrados pelos jacobinos em 1793, e em 1794 proibiu-se explicitamente a presença de mulheres em qualquer tipo de atividade política. As que haviam insistido na participação política, fosse qual fosse a sua filiação ideológica, compartilhavam o mesmo fim: a guilhotina ou o exílio.

As mais lúgubres previsões tinham-se cumprido amplamente: as mulheres não podiam subir à tribuna, mas sim ao cadafalso. Qual era a sua falta? A imprensa revolucionária da época explica-a muito claramente: haviam transgredido as leis da natureza abjurando do seu destino de mães e esposas, querendo ser “homens de Estado”.

Feminismo no século XIX

No século XIX, o século dos grandes movimentos sociais emancipadores, o feminismo aparece, pela primeira vez, como um movimento social de carácter internacional, com uma identidade própria, sendo autónoma teórica e organizativamente. Além disso, ocupará um lugar importante no seio dos outros grandes movimentos sociais, os diferentes socialismos e o anarquismo. Estes movimentos herdaram, em boa medida, as reivindicações igualitárias do Iluminismo. No entanto, surgiram para dar resposta aos graves problemas que a revolução industrial e o capitalismo geravam. O desenvolvimento das democracias censitárias e o decisivo facto da industrialização suscitaram enormes expectativas a respeito do progresso da humanidade, e chegou-se a pensar que o fim da escassez material estava próximo. Contudo, estas esperanças chocaram frontalmente com a realidade. Por um lado, eram negados às mulheres os direitos civis e políticos mais básicos, ceifando das suas vidas qualquer réstia de autonomia pessoal. Por outro, o proletariado – e logicamente as mulheres proletárias – ficava totalmente à margem da riqueza produzida pela indústria e a sua situação de degradação e miséria convertia-se num dos factos mais importantes da nova ordem social. Estas contradições foram o contexto nas quais se cultivaram as teorias emancipadoras e os movimentos sociais do século XIX.

De entre as principais reivindicações pode destacar-se: o direito das mulheres casadas à propriedade dos seus bens (nem mesmo lhes era reconhecida a liberdade de dispor do seu salário), à tutela dos filhos (em caso de viuvez, o poder paternal era exercido por um parente masculi-

no), ao acesso à educação e a um trabalho socialmente valorizado. Em suma, as primeiras feministas lutaram por alterações jurídicas que terminassem com o estatuto de menoridade que a sociedade burguesa oitocentista reservava à mulher. (Couto, Célia Pinto de, et al. (2018). Um Novo Tempo da História, pp. 47 e 48.)

Feminismo no século XX

O feminismo radical norte-americano desenvolveu-se entre os anos 1967 e 1975, e apesar da rica heterogeneidade teórica e prática dos grupos em que se organizou, partia de postulados comuns. Associado à formação da Nova Esquerda, mostra-se contra uma sociedade contraditória: legítima a universalidade nos seus princípios, mas é, no fundo, sexista, racista, classista e imperialista. É de sublinhar que as feministas socialistas da década de 70 consideraram que o feminismo é cego em relação à História e às experiências das mulheres trabalhadoras emigrantes e “de cor”, daí que continuem em busca de uma aliança mais progressiva entre as análises de classe, género e raça.

No momento de procurar uma “denominação”, o termo “feminista” foi inicialmente repudiado por algumas radicais, uma vez que o associavam à que consideravam a primeira vaga do feminismo, o movimento sufragista, que desprezavam como burguês e reformista.

Destacam-se obras como Política Sexual de Kate Millett e A Dialética da Sexualidade de Sulamit Firestone (1970). Armadas das ferramentas teóricas do marxismo, da psicanálise e do anticolonialismo, estas obras plasmaram conceitos fundamentais para a análise feminista.

As radicais identificaram como centros da dominação patriarcal esferas da vida que até então se consideravam “privadas”. A elas se deve o mérito de ter revolucionado a teoria política ao analisar as relações de poder que estruturam a família e a sexualidade; sintetizaram-no num slogan: o pessoal é político. Consideravam que os homens, todos os machos e não só uma elite, recebem benefícios económicos, sexuais e psicológicos do sistema patriarcal, mas em geral realçavam a dimensão psicológica da opressão.

Um dos contributos mais significativos do movimento feminista radical foi a organização em grupos de autoconsciência. Esta prática começou no New York Radical Women (1967), e foi Sara Child quem lhe deu o nome de “consciousness-raising”. Consistia em que cada mulher do grupo explicasse as formas como experimentava e sentia a sua opressão. O propósito destes grupos era “despertar a consciência latente que... todas nós, mulheres, temos sobre a nossa opressão”, para propiciar “a reinterpretação política da própria vida “e lançar as bases para a sua transformação. Com a autoconsciência também se pretendia que as mulheres dos grupos se convertessem em autênticas especialistas da sua opressão: estavam a construir a teoria a partir da experiência pessoal e não a partir do filtro das ideologias anteriores. Outra função importante destes grupos foi a de contribuir para a revalorização da palavra e das experiências de um coletivo sistematicamente inferiorizado e humilhado ao longo da história. No entanto, os diferentes grupos de radicais variavam na sua apreciação desta estratégia. “A autoconsciência tem a capacidade de organizar um grande número de mulheres, mas de organiza-las para nada.” (Mehrhof, membro das Redstockings, 1969). Após acalorados debates internos, finalmente a autoconsciência e o ativismo configuraram-se como opções opostas.

O ativismo dos grupos radicais foi, em mais de um sentido, espetacular. Espetaculares, porque multitudinárias, foram as manifestações e marchas de mulheres, mas ainda mais os lúcidos atos de protesto e sabotagem que punham em evidência o carácter de objeto e mercadoria da mulher no patriarcado. Com atos como a queima pública de soutiens e espartilhos, ou a sabotagem de

uma comissão de peritos sobre o aborto formada por catorze homens e uma mulher (freira), as radicais conseguiram que a voz do feminismo entrasse em todos e cada um dos lares americanos. Outras atividades, com consequências muito benéficas para as mulheres, foram a criação de centros alternativos de ajuda e autoajuda. As feministas não só criaram espaços próprios para estudar e organizar-se, como desenvolveram uma saúde e uma ginecologia não patriarcais, animando as mulheres a conhecer o seu próprio corpo. Também se fundaram cresces, centros para mulheres maltratadas, centros de defesa pessoal e toda uma longa série de iniciativas.

Últimas tendências

Depois das manifestações de força e vitalidade do feminismo e outros movimentos sociais e políticos nos anos 70, a década de 80 parece que passará à história como uma década especialmente conservadora. De facto, o triunfo de carismáticos líderes ultraconservadores em países como a Inglaterra e os Estados Unidos, um certo esgotamento das ideologias que surgiram no século XIX, mais o surpreendente derrube dos estados socialistas, deram lugar aos eternos profetas do fim dos conflitos sociais e da história. Neste contexto, pode fazer-se a seguinte pergunta: pode então falar-se de um declínio do feminismo contemporâneo? A resposta é um rotundo não.

«Embora parecesse chegar ao fim a era dos gestos grandiloquentes e das manifestações de massas que tanto tinham chamado a atenção dos meios de comunicação, muitas vezes deixavam atrás de si novas formas de organização política feminina, uma maior visibilidade das mulheres e dos seus problemas na esfera pública e animados debates entre as próprias feministas, assim como entre estas e os interlocutores externos. Por outras palavras, a morte, pelo menos aparente, do feminismo como movimento social organizado não implicava nem o desaparecimento das feministas como agentes políticos, nem do feminismo como um conjunto de práticas discursivas contestadas, mas sempre em desenvolvimento» – Yasmine Ergas

Efetivamente, o feminismo não desapareceu, mas conheceu profundas transformações. Nestas transformações influíram tanto os enormes êxitos conseguidos como a profunda consciência do que fica por fazer, se compararmos a situação dos homens e das mulheres hoje em dia. Os êxitos conseguidos provocaram uma quebra aparente ou talvez real na capacidade de mobilização das mulheres sobre as reivindicações feministas, embora, paradoxalmente, estas tenham mais apoio que nunca na população feminina. Por exemplo, o consenso entre as mulheres sobre as exigências de salário igual, medido em comparação com o que têm sobre a violência ou sobre uma política de creches públicas, é praticamente total. Mas torna-se difícil, para não dizer impossível, congregar sob estas reivindicações manifestações semelhantes às que produziam em volta da defesa do aborto nos anos 70 (de facto, só o possível questionamento do direito ao próprio corpo nos Estados Unidos de Bush foi capaz de concitar de novo marchas de centenas de milhares de pessoas). No entanto, isto não implica um retrocesso na luta constante pelas reivindicações feministas.

Além do imprescindível labor dos grupos feministas de base, que continuam a sua tarefa de consciencialização, reflexão e ativismo, tomou progressivamente força o que já se denomina de feminismo institucional. Este feminismo reveste diferentes formas nos diferentes países ocidentais: desde os pactos interclassistas de mulheres – onde foi possível chegar a falar-se em feminismo de Estado – à formação de lobbies ou grupos de pressão, até à criação de ministérios ou instituições interministeriais da mulher, como é o caso em Espanha, onde em 1983 se criou como organismo autónomo o Instituto da Mulher. Apesar destas diferenças, os feminismos

institucionais têm algo em comum: o decidido abandono da aposta de situar-se fora do sistema e só aceitar mudanças radicais. Um resultado notável destas políticas foi o facto, realmente impensável há duas décadas, de mulheres declaradamente feministas ocuparem importantes postos nos partidos políticos e no estado.

Em alguns textos, adotou-se o termo de “feminismo da terceira vaga” para referir a dinâmica verificada nos anos 80, que se centra na diversidade das mulheres. Este feminismo critica o uso monolítico da categoria mulher e centra-se nas implicações práticas e teóricas da diversidade de situações das mulheres, incluindo variáveis como o país, a raça, a etnicidade e a preferência sexual. Foi especialmente notável o contributo das mulheres negras.

Já em 1992, é de notar a Declaração de Atenas, onde as mulheres mostraram o seu claro desejo de firmar um novo contrato social e estabelecer de uma vez por todas uma democracia paritária. Esta firme vontade de avançar e o inventário de tudo o que se conseguiu não significam que a igualdade sexual esteja ao virar da esquina. Tal como refletiu Susan Faludi, o patriarcado, como qualquer sistema de dominação firmemente assente, conta com inúmeros recursos para perpetuar-se. A mensagem reativa segundo a qual “a igualdade já está conseguida” e “o feminismo é um anacronismo que empobrece a vida da mulher” parece ter encontrado eco nas novas gerações. Como consequência, as jovens, incapazes de traduzir de forma política a opressão, parecem voltar a reproduzir em patologias pessoais antes desconhecidas – anorexia, bulimia – o problema que se “empenha em não ter nome”.

ATUALIDADE

Nos dias que correm, a questão da aceitação de todos os corpos e das suas imperfeições, sobretudo no âmbito feminino. Numa sociedade que assume que o que é transmitido nos media é o padrão a alcançar, a procura incessante pelo corpo perfeito e pela aceitação fez com que, dentro do feminismo atual, a eliminação desde conceitos de sensualidade e beleza estereotipada fosse uma prioridade.

Outra tendência proeminente é a luta travada com a chamada Rape Culture ou cultura da violação. O conceito explica como a sociedade interpreta e reage perante vítimas de violação e violadores. Por exemplo, uma série de mitos em relação a este tema incluem preconceitos como “uma mulher que queira realmente resistir à suposta violação, consegue sempre fazê-lo”, “mulheres que são violadas são imorais e por isso merecedoras do que que acontece” e que “a maior parte das mulheres que denunciam uma situação de violação fazem-no para proteger a sua reputação, ou como arma contra o suposto agressor”.

Esta desmistificação foi alargada a qualquer tipo de abuso sexual, e abraçado por figuras públicas no recente e mediático movimento #MeToo:

«As mulheres e as redes sociais puseram em marcha o movimento #MeToo, em outubro de 2017. Foi um tweet da atriz Alyssa Milano que desencadeou o fenómeno, apesar da expressão ter sido criada pela ativista norte-americana Tarana Burke, em 2006. A ideia era simples: incentivar as mulheres a mostrarem solidariedade umas com as outras, especialmente quando se tratava de casos de assédio sexual. O resultado foi avassalador. Caíram nomes sonantes da indústria de Hollywood, mas também da política e do desporto, e nas últimas semanas um candidato ao Supremo Tribunal dos EUA está a ser escrutinado no Senado devido a acusações de assédio sexual.» (Retirado de www.dn.pt/vida-e-futuro/interior/um-ano-de-metoo-quem-sao-as-mulheres-que-comecaram-uma-nova-era-9939912.html#media-2)

É de notar também o impacto da Women's March on Washington (ocorrida a 21 de janeiro de 2017), organizada como um movimento de base, ocorreu um dia após a posse do Presidente Donald Trump, a quem os manifestantes veem como uma grande ameaça para a sua causa. O objetivo foi enviar uma mensagem corajosa para a nova administração no primeiro dia no cargo, e ao mundo que os direitos das mulheres são direitos humanos”.

Marchas ocorreram por todo o mundo, com 408 marchas relatadas nos EUA e 168 noutros países. A marcha atraiu milhares de pessoas apenas em Washington D.C. e noutras localidades, reunindo entre 2,9 a 4,2 milhões de manifestantes em todos os EUA, tornando-se assim o maior protesto de apenas um dia na história dos Estados Unidos.

Apesar destas novas tendências, é de notar que tópicos como a igualdade salarial ainda não estão inteiramente resolvidos: em 2014, Portugal registava uma disparidade salarial de 26,1% entre homens e mulheres, e empresas conceituadas como a Google foram recentemente acusadas de uma diferença acentuada a nível dos salários atribuídos.

Esta é uma luta que ainda está longe de terminar, não esquecendo que o mundo não se trata apenas do ocidente, e que apenas agora se verificam pequenos progressos como a possibilidade de mulheres da Arábia Saudita poderem conduzir (legalizada em junho de 2018), e a luta encabeçada por Malala pelo acesso à educação (que lhe valeu o Prémio Nobel da Paz em 2014).

A mulher anónima – Margarida Santos, 10.º D



Talvez tudo tenha começado na Pré-história. Enquanto os homens iam à caça ou à pesca – afastavam-se necessariamente dos locais onde pernoitavam – as mulheres permaneciam a cuidar das crianças ou a fazer trabalhos manuais (esculpam a pedra, tratavam das peles os animais ou efetuavam utensílios em barro, por exem-

plo). Já nessa época, a distinção estava presente. Por exemplo, o sábio – o membro mais velho da comunidade e a quem todos tinham respeito – era sempre um homem: seria isso uma forma de discriminação?

Mais tarde, na Antiguidade e na Idade Média, quem liderava os impérios ou quem governava os países eram, mais uma vez e salvo raras exceções, homens! Se a primeira criança a nascer, como filho (legítimo) de um rei, não fosse um rapaz, as classes sociais (nobreza, clero, burguesia) ignoravam este facto e assumiam que a descendência do reino não estava ainda assegurada.

Em Portugal, as mulheres apenas começaram a frequentar a escola, no início do século XX e nem todas tiveram esse privilégio.

Em muitos casos, parecia que a única função das mulheres era reproduzirem-se. Desde muito jovens eram educadas para cuidar da casa e para cuidarem dos filhos. Infelizmente, ao longo de muitos anos, a vida de uma mulher teve este ciclo. Existem ainda alguns países em que a realidade é a mesma daquela que acima foi descrita, mas pouco a pouco as mentalidades vão evoluindo e, após muitas lutas, as mulheres conseguem já ser (mais) valorizadas.

Este caminho não está completo, mas juntas iremos conseguir combater este mundo liderado pelos homens!

Desigualdades de género na Literatura – Matilde

Soares, 10.º D

Na Idade Média existia uma enorme desigualdade de género, uma vez que a mulher era vista como instrumento, máquina de procriação e objeto de propriedade e posse exclusiva do marido, do seu “amo” e senhor.

A mulher era vista como pecadora, conseguindo tirar a tranquilidade de um homem. Por vezes, chega mesmo a ser considerada aliada do demónio, sendo acusada muitas vezes de bruxaria, tais seriam os seus poderes maléficos e encantatórios.

O seu papel na sociedade consistia em ser esposa, mãe, camponesa, artesã, enfermeira e, na nobreza, rainha e abadessa. Os seus direitos eram definidos pelo pai e pelo marido e os seus deveres estavam bem definidos. Caso desobedecesse, o homem tinha o direito de a punir.

A discriminação iniciava-se logo à nascença, pois a filha mulher não tinha direito à sucessão e nem sequer à aprendizagem da leitura e da escrita. Cabia ao homem tomar o comando da família. Isto é visível nas Cantigas de Escárnio e Maldizer, nas quais se transmite uma mensagem explícita de ofensa física e psicológica da mulher daquela época. E, como os trovadores e os poetas eram todos homens, não existem cantigas (produzidas pelas mulheres) a ofendê-los e a expor os seus vícios. Este é também um exemplo de outra diferença: é que nem todas as profissões podiam ser exercidas pelo género feminino, como comprova o facto de não haver mulheres trovadoras ou jograis.

Será preciso esperar mais uns séculos por alguém ousado como Gil Vicente para mostrar ao mundo uma mulher que ousa dizer «Mais quero asno que me carregue do que cavalo que me derrube»!

A desigualdade de género tem evoluído no sentido da igualdade, mas mesmo atualmente ainda existem sociedades onde o papel da mulher é desvalorizado e restrito em relação ao do homem.



Nós exigimos equidade de género! – Afonso Antunes,

Ana Pereira, Duarte Prezado, Emília Ferreira, José Cabaço, Rafael Ribeiro, 8.º A

Hoje em dia, no início do século XXI, será igual, em Portugal, ser homem e ser mulher?

Há vários anos que as mulheres estão a lutar para serem consideradas iguais e terem os mesmos direitos do que os homens. Mas essa igualdade ainda não existe.

Em muitas empresas as mulheres recebem menos dinheiro do que os homens por um trabalho igual. E infelizmente ainda há quem pense que há trabalhos que só os homens conseguem fazer (por serem mais fortes fisicamente) e trabalhos para mulheres. Por exemplo, só nos filmes e nas novelas é que conhecemos “homens a dias”, nas nossas casas só trabalham “mulheres a dias”. Contudo, já vemos homens nos serviços de limpeza dos shoppings.

Mas as coisas estão a mudar: conhecemos mulheres que trabalham na construção civil, outras que são camionistas ou taxistas, por exemplo. As coisas estão a mudar, mas mudam muito devagar.

Na nossa opinião, é mais fácil ser homem do que ser mulher. No entanto, em certas famílias já há divisão de tarefas e de responsabilidades. Um amigo nosso disse-nos que é mais fácil ser homem, porque os homens estão sempre fora de casa, enquanto as mulheres têm de se preocupar com limpar a casa e fazer as refeições. Outro amigo nosso partilhou uma experiência diferente: enquanto a sua mãe trata da casa, o pai trata dos animais e da quinta.

Todos nós consideramos que há ainda muito caminho a fazer!



Tomek Biniek

Autorretrato enquanto leitora I – Helena Vornicescu, 10.º D

A leitura foi a minha primeira forma de viajar. Dito desta forma, quase que nos leva a cair no erro de pensarmos algo como: sentou-se em cima de um livro e começou a viajar! Não condeno quem tenha este pensamento a primeira vez que leia esta frase, mas a verdade é que foi a leitura que me permitiu explorar locais, que até hoje nunca consegui alcançar. Não comecei a ler cedo. Não fui uma daquelas “crianças prodígio” que os adultos tanto gostam de exibir, como se de um objeto alienígena se tratasse, nos seus círculos de amigos, declarando a



Young Girl Reading – Jean-Honoré Fragonard

típica frase “Só tem cinco anos mas já sabe ler!”, obrigando de seguida, a pobre criança pequenina a balbuciar a meia dúzia de palavras seguidas que, de tantas vezes que os pais a obrigam a pronunciar, por fim as conseguiu decorar. Aprendi a ler na escola primária. Corri as letras de uma ponta à outra. Em primeiro lugar as vogais, o famoso I que foi o pontapé de saída para uma panóplia de letras, sons e palavras que se seguiriam. Foi necessária imensa paciência dos meus pais e dos meus professores para me ajudarem e estimularem a aprender este universo de coisas novas. Não foi nada fácil! Tenho de confessar que era um pouco preguiçosa a ler e agradeço hoje, todos os livrinhos que os meus pais, com toda a paciência do mundo, me ajudaram a ler, corrigindo palavra a palavra, sem nunca perderem a motivação! Acho que fizeram um óptimo trabalho.

Foi com o fim da escola primária, o início do quinto e sexto ano, que o meu gosto

pela leitura começou a despertar. Não considero de modo algum que tenha sido tarde! Os primeiros livros de aventura, de mistério, de fantasia. Já não me considerava uma criancinha, pois já conseguia ler “livros grandes”, com muitas páginas. São as tardes passadas a ler um livro de fantasia, que me perduram na memória e me fazem recordar o valor e a importância que a leitura teve no meu desenvolvimento. Foram esses livros, lidos numa altura em que as preocupações eram poucas e o tempo parecia infinito, que permitiriam ser em parte aquilo que sou hoje. Sentada no meu sofá a ler um livro, eu poderia ser quem eu quisesse, viajar até aos sítios mais exóticos e longínquos, explorar o que ainda não tinha sido explorado! Viajar para as profundezas da selva amazónica, para um colégio repleto de mistérios, remontar às eras de magia e feitiçaria!

Um dos livros que mais me marcou foi sem dúvida O Príncipezinho, de Saint-Exupéry. É um livro que marcou bastante a minha infância e início de juventude e que considero intemporal, adequado para todas as idades, pois conforme o momento da vida em que nos encontremos, iremos retirar um pormenor ou uma mensagem que vai ao encontro ao que estamos a vivenciar. Cresci. A típica inocência de criança foi-se, aos poucos, perdendo. As tardes sentadas no meu tão querido sofá, a ler um livro, foram-se tornando cada vez menos frequentes. Confesso que ocorrem menos vezes, do que aquelas que eu desejaria. Mas acho que faz parte. É o ciclo da vida. Crescemos, adquirimos responsabilidades, os passatempos passam a ser outros. Mas lá no fundo continuo a ser a mesma. A mesma menininha que podia passar horas e horas a deliciar-se com um livro.

Tornei-me uma leitora mais crítica. Um bocadinho mais exigente, eu acho. Já não é com a mesma facilidade que me deixo encantar com um livro. Preciso que ele me chame à atenção. Que me prenda, que me faça emprenhar na história e que me faça perder no limite entre a realidade e a ficção.

Os temas continuam a ser os mesmos, mas não me continuo a render aos simples mistérios de Uma Aventura ou do típico Clube das Chaves. Gosto de mistérios mais complexos, que nos induzam em erro, nos façam reformular as nossas teorias vez após vez. Qual é a piada de sabermos quem é o ladrão de arte sacra no final do segundo capítulo?

Não admito ser uma leitora assídua. Não tanto quanto gostaria, é um facto. Mas nunca esqueço a importância que a leitura teve no meu crescimento. Todos os momentos de tédio, salvos pelo livrinho, que eu tão orgulhosamente carregava, quase sempre, comigo. Nunca esqueço nada disso, porque, em parte, isso foi o que possibilitou ser quem eu sou hoje.

Autorretrato enquanto leitora II – Inês Gancho, 10.º D

Chamo-me Inês e vou revelar-vos aquilo que um olhar introspetivo revela sobre mim, num aspeto muito particular: o meu autorretrato – que tentarei pintar com veracidade – enquanto leitora.

Tenho 14 anos e considero-me uma miúda como a generalidade das da minha idade, em termos de gostos e de vivências. Gosto muito de sair com os meus amigos, de navegar nas redes sociais e gosto de ler, apesar de não o fazer com muita frequência e talvez tão frequentemente quanto devia...

Pintar um retrato aproximado de mim enquanto pessoa é difícil, pois sei que tenho não só virtudes, mas também defeitos – e eses são sempre difíceis de assumir. Mas prefiro referir os aspetos de que tenho consciência, sem os classificar. Sou sensível e sempre que algo me toca ou incomoda faço o que estiver ao meu alcance para o resolver.

A leitura de alguns livros faz parte deste meu mundo em que, muitas vezes, visto a pele das personagens. Assim como os escritores moldam as suas personagens como o escultor molda o barro, a leitura de um livro que me agrada molda-me o coração e o espírito, levando-me, muitas vezes, a um mundo de sonho. Na escolha de um livro tento focar-me no enredo para, assim, aprender ou sonhar ou simplesmente deixar-me envolver numa qualquer aventura.

Mesmo quando o final da história me causa tristeza, a leitura de um livro é sempre uma experiência única, que acaba por me revelar que a vida não é feita apenas de bons momentos.

E é por tudo isto que um bom livro me ensina a viver, a amar, a relacionar-me com os outros – num mundo tantas vezes cheio de injustiças e de ingratidão – e permite-me captar e aprender com o que li para poder lembrá-lo para sempre.



Autorretrato enquanto leitora III – Matilde Soares, 10.º D



Fui, desde pequena, muito incentivada a ler. Os meus pais sempre compraram vários livros e era habitual, na hora da ida para a cama, lermos ou lerem-nos. Mas a leitura faz parte do ADN da minha família. O meu, quando era jovem, adorava escrever pequenos poemas. O meu avô este ano publicou um pequeno livro com pequenos poemas. O resto da minha família está sempre a trocar livros uns com os outros, para terem sempre um livro novo e trocarem experiências de leitura.

Mas eu não saí à minha família, pois nunca gostei de ler. Nunca fui uma rapariga de grandes leituras.

Apesar de não ser grande adepta da leitura, sempre tive os meus temas preferidos. Os poucos livros que eu leio têm de ser histórias verídicas, pois considero que transmitem muito mais emoção e tocam-me bastante o coração. Por exemplo, sempre adorei ler livros sobre o tema da Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, esses livros sempre me suscitaram grande interesse. Também gosto bastante de ler diários e adorei ler o Diário de Anne Frank, pois nele consegui conciliar esses meus dois gostos: a temática da segunda Guerra Mundial e o diário.

Também gosto bastante de ler livros com uma mensagem social e mesmo com objetivos de crítica social. Foi o caso de Capitães da Areia, de Jorge Amado, que adorei ler.

E, claro, também aprecio livros sobre a adolescência. Geralmente as personagens têm pensamentos semelhantes aos meus, histórias de vida parecidas, vivências que também passam uma mensagem ou um aviso que importa ter em conta – do tipo “Não faça isto assim, desta maneira, para não te magoares!”

Em suma, eu posso pensar e até dizer que não gosto muito de ler. Agora, por exemplo, imagino-me a ler na praia ou em casa dos meus avós, que é no campo. Asseguro-vos que é fantástico sentarmo-nos, com um livro na mão, sobre uma pedra ou uma duna, e ler... em comunhão com a natureza.

Mulheres

– Rita Neves, 7.º B



Mulher à janela – Salvador Dali

Mulheres. É um importante assunto para tratar, pois todas as mulheres são muito importantes para a sociedade, em todos os países.

O primeiro aspeto que todos devem lembrar é que sem as mulheres ninguém existiria. Mas às vezes há homens que parecem esquecer-se que todos somos filhos de alguma mulher.

Infelizmente, há mulheres que não são tratadas com o devido respeito e hoje, no século XXI, existe muita desigualdade de género. E uma coisa que posso garantir é que não existe um único país em que não haja desigualdades entre homens e mulheres.

Todos temos alguma ou algumas mulheres que são especiais nas nossas vidas. As minhas são duas mães: a minha e a dela, ou seja, a minha avó materna, que é uma segunda mãe para mim, pois ela está sempre disponível, quando a minha mãe não pode estar presente.

A minha avó teve de sair da escola para ir trabalhar e por isso não consegue ajudar-me nos estudos. Mas sei que o seu sonho

era ter estudado mais e tirar um curso, por isso é uma fonte de inspiração para mim. A minha mãe é incrível: tem quatro filhos e mesmo assim tem paciência para cada um de nós e consegue resolver qualquer problema. Se algum de nós está doente, é ela que nos trata – e até do meu pai ela trata. Ela é assim... Uma supermulher. Mas acho que todas as mulheres são assim!

Eu – Vera Sebastião, 12.º E

Continua a erguer-se a mulher da minha vida, que já tanto sofreu pela minha felicidade, que tanto lhe tenho a agradecer, que faz todos os esforços e que mesmo continuando a ser posta em causa, pisada, rebaixada, julgada, não se deixa vencer. Todos os dias lutamos pela nossa própria felicidade, fazemos todos os possíveis para estarmos bem com a mulher da nossa vida, ou seja, nós próprias, sendo constantemente rebaixadas. Neste momento, que estou a afirmar que a mulher da minha vida sou eu mesma, sou chamada de egocêntrica por não escrever sobre a minha mãe, ou uma avó, ou uma irmã! E porquê? Não sou capaz de o ser? Eu tenho sido a mulher da minha vida desde o dia em que cheguei a este mundo e sinto que mais mulheres deveriam pensar da mesma maneira.

Somos constantemente postas em causa, pelo simples facto de sermos mulheres; lutamos constantemente para nos igualarmos aos restantes. Antes de ser uma luta

de todas as mulheres é uma luta individual.

Lutamos para sermos a mulher das nossas vidas, pois muitas outras mulheres também não nos querem ver crescer. Essas mesmas mulheres têm primeiro de ter uma luta individual para se verem como as mulheres das vidas delas, para depois lutarem por uma causa geral.

No fundo, aquilo que gostaria de deixar aqui registado neste desabafo é o seguinte: sejam as mulheres das vossas vidas!



PARTE II

A mulher e o desamor

O namoro não tem idade – Inês Gancho, 10.º D

O namoro é uma relação de convivência quando duas pessoas gostam uma da outra e passam muito tempo juntas. É uma relação mais simples e mais aberta do que o casamento, mas também exige respeito e fidelidade.

Não existe idade para começar a namorar, porque as pessoas são diferentes umas das outras. Na maior parte das vezes, o namoro parte da atração física que se sente um pelo outro ou até da curiosidade nessa relação. O companheirismo e a cumplicidade são outras das razões que podem conduzir ao namoro, onde a partilha de conhecimentos e de experiências fortalecem a relação.

Antigamente, o namoro era vivido de maneira diferente, relativamente aos namoros de hoje, pois era cheio de cerimónias e envolvia valores que se perderam. Os namorados tinham de ter o consentimento dos pais e de andar sempre acompanhados pelos irmãos mais novos. O namorado visitava a namorada na sua casa e ficavam sentados na presença dos pais. Por vezes, a rapariga ficava à janela a olhar para o namorado e trocavam bilhetes de amor e cartas. Na altura dos bailes, o rapaz pedia ao pai da rapariga para dançar com ela, mas sempre com o maior respeito.

Atualmente, as relações humanas transformaram-se e os jovens têm uma grande liberdade. Perdeu-se algum respeito, o efeito mágico do namoro e o romantismo e passou a existir a desvalorização do compromisso e a valorização de outros interesses.

Ao comparar o presente com o passado, verifico que o conto de fadas desapareceu e que o amor deixou de ser sinónimo de exaltação e perdeu importância. As coisas mudaram muito desde os tempos dos nossos avós e o amor deixou de obedecer a tantas regras, passando a ser encarado como algo que nasce, cresce e tem de ser vivido de forma natural.



Eugenio Zampighi (1859/1944)

O namoro ontem e hoje – Marta Rosa, 10.º D

Ao longo dos séculos, sempre deve ter existido o namoro, embora vivido de formas diferentes. Mais próximo ou mais distante, mais contido ou mais livre, o namoro é um estado de alma, uma forma de vivência. Ou melhor: é uma forma de vivenciar um sentimento partilhado.

Antigamente, o namoro era vivido de um modo mais discreto e nele a mulher um papel mais passivo, cabendo ao homem pedi-la em namoro. Na Idade Média, a poesia trovadoresca mostra como a mulher amada assumia um papel social superior ao do homem, pois nas Cantigas de Amor ela era a "senhor" dos poetas trovadores. Nos dias de hoje, o namoro é vivido de um modo mais equilibrado e natural, não existindo ninguém, no par amoroso, com um papel mais (ou menos) importante. Temos o exemplo dos estudantes nas escolas, onde os namorados podem ter manifestações afetivas sem serem julgados (negativamente) por isso, algo que, por exemplo, há alguns anos não existia.



Namoro – Adrien Moreau

Uma definição de namoro – Jia Jing Xu, 10.º D

Para mim o namoro é um relacionamento entre duas pessoas que estão apaixonadas uma pela outra. Hoje em dia podemos ver muitos namorados nas ruas, nas escolas, nos jardins, etc... Mas será que os namorados sempre puderam andar juntos em locais públicos? Esta situação nem sempre foi assim. Antigamente, os rapazes pediam autorização para namorar com a sua apaixonada aos pais das raparigas. Por exemplo: os meus pais só puderam estar juntos depois de terem autorização dos meus avós.

Hoje em dia, os jovens do ensino secundário ou

mais novos já andam nas ruas de mão dada, abraçados e os pais não estão perto deles. É o caso da minha amiga que só tem quinze anos e já namora com um rapaz e os pais dela sabem e deram permissão. Na minha opinião, ainda é muito cedo para estarem juntos porque não se dedicam tanto ao estudo.

Penso que pode ser positivo o namoro, para estes jovens terem a liberdade de escolher e ficar junto das pessoas de quem gostam e para eles se conhecerem melhor.



Ser romântico está fora de moda – Rita Consolado, 10.º D

A palavra namoro pode ter vários significados, mas todos eles têm algo em comum: significa um relacionamento amoroso entre dois seres que têm o desejo de estar juntos e de realizarem atividades em conjunto; é respeitar, é abraçar, é ajudar, é fazer tudo de bom para ambos; essencialmente, é amar e ser amigo.

Nos dias de hoje o namoro é bem diferente do namoro de antigamente devido ao facto de os tempos terem evoluído, modificando-se as mentalidades das pessoas. Atualmente as relações são pouco duradouras quando comparadas com as de antigamente que eram mais duradouras. No passado, o namoro era visto como o primeiro passo para a casamento e como forma para se constituir família. Poucas vezes um rapaz e uma rapariga estavam os dois sozinhos, pois estas tinham pouca liberdade, estavam sempre acompanhadas pelos pais ou irmãos. O namoro era muitas vezes em casa perto dos familiares, à janela e na maioria das vezes era às escondidas para ninguém saber. Os rapazes exprimiam os seus sentimentos através do romantismo, como por exemplo por cartas, poemas e muitas vezes por serenatas. Hoje em dia, e com as novas tecnologias, sobretudo através das redes sociais, é tudo bem diferente, pois em muitos casos os jovens conhecem-se a partir delas. Existe mais liberdade para saírem e conviverem, sem estarem permanentemente a ser controlados.

O romantismo acabou por se perder, pois os jovens já não se declaram de forma clara e sentimental. O namoro acabou por perder algum valor, pois atualmente já não se pensa em namorar, mas sim em “andar” isto é, é como se os jovens namorassem, mas não se assume de facto a relação, não existe um compromisso com a relação. Concluo que estas diferenças são uma consequência da evolução dos tempos e das diferentes formas das pessoas pensarem.



Romance – Miriam Postal

«Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades...» – Inês Oliveira, 10.º D

O amor permanece entre nós, a arder intensamente todos os dias, apenas de uma forma mais breve e passageira do que nos tempos que já lá vão. O amor é visível em várias situações: na família, nas amizades... e no namoro. No fundo no fundo, o namoro tem um único objetivo: preparar-nos para o casamento. Termos a certeza de que é com aquela pessoa que queremos passar o resto dos dias da nossa vida, seja isso quanto tempo for. A verdade é que este conceito era antigamente muito mais universal do que é nos dias de hoje.

As raparigas eram, sem exceção, tratadas como umas verdadeiras princesas, valorizadas e respeitadas acima de tudo. E, no fundo, era bem claro o significado do envolvimento de um rapaz com uma rapariga: namoro, casamento, e mais tarde uma família.

Nos dias de hoje a história é diferente: para os rapazes, não passa de uma competição mesquinha, para ver qual deles se envolve com mais raparigas numa só noite, apenas para ganhar um pouco de autoestima e prestígio perante os outros rapazes... E namoro? Isso é só quando for mais velho...

Leonid Afremov

Para nós, raparigas, a história não é a mesma... Pelo menos eu sonho desde que me lembro com encontrar o homem ideal para ter ao meu lado até ao fim dos nossos dias e criar uma família.

De uma maneira geral, a definição de namoro mudou muito de geração para geração, a ideia tradicional do casamento e da criação de meia dúzia de filhos está cada vez mais distante. Graças a Deus ainda há quem espere ansiosamente o seu príncipe encantado!



Diferenças – Madalena Costa, 10.º D

Quando falamos de namoro falamos de um compromisso, mas o namoro da atualidade não se compara ao namoro que, por exemplo, os nossos avós no tempo deles tinham.

Antigamente não havia a liberdade que há hoje em dia, as escolas eram separadas por género, não podiam beijar-se em público e havia muitas outras coisas que os casais eram impedidos de fazer e, como não podiam estar constantemente juntos, a relação requeria uma confiança extrema por parte dos dois.

Atualmente o namoro é completamente diferente. No meu ponto de vista, agora já não se vê tanto romantismo e cavalheirismo como antigamente, mas há exceções. Hoje em dia, podemos reparar que os casais são cada vez mais infiéis porque, a meu ver, não têm aquela ansiedade que antigamente tinham, como por exemplo, dantes o rapaz ou a rapariga tinham que esperar até ao final do dia para poderem finalmente estar com a namorada/o respetivamente e, como na atualidade já não existe essa separação e há bastante mais liberdade, há mais tendência para a traição ou para o cansaço da relação.

Infelizmente, agora a palavra “amo-te” é usada em qualquer situação sendo esta uma palavra que não se devia dizer ao acaso. O amor, que é uma coisa tão bonita, é agora desvalorizado por muita gente e namorar hoje em dia é, muitas vezes, apenas por carência. Mas, como disse, há exceções e ainda bem, porque é bom saber que ainda existem pessoas como antigamente.

Namoro – Madalena Vasconcelos, 10.º D

O namoro é a junção de duas pessoas quando sentem amor uma pela outra, mas, de antigamente para hoje em dia, o namoro é muito diferente.

O namoro de antigamente era “distante”, o casal via-se menos frequentemente, e muitas das vezes nem se tocavam. Era um namoro sério e que muitas vezes resultava em casamento, e cada pessoa namorava com pouco mais de que uma pessoa longo de toda a vida – ou até só com uma.

O namoro de hoje é totalmente diferente. O casal vê-se constantemente e toca-se sempre que estão juntos. E não é sério, aliás, são poucos os que são sérios. Numas semanas têm um(a) nas seguintes já têm outra(o) namorada(o), ou mantêm uma relação durante algum tempo, mas acabam por traí-la(o) ou acabar com ela(e).

Eu penso que o namorar de antigamente tem um significado completamente diferente do de hoje em dia, e já ninguém o vê nem o pratica da mesma forma. O namoro, na maioria das vezes, deixou de ser verdadeiro, como era antigamente.



Par de namorados – Szinyei Merse

Uma definição de amor – Mariana Marques, 10.º D

O que é o amor? Segundo o dicionário, provavelmente é algo como: sentimento em que se demonstra carinho e afeto por outra pessoa. E o namoro é a “oficialização” desse sentimento entre duas pessoas. Mas, na minha opinião, o namoro de hoje em dia é completamente diferente do que era há uns anos atrás.

Nos dias de hoje, o namoro é muito mais “facilitado” pelo facto de podermos demonstrar publicamente o nosso amor, coisa que dantes não era permitida. Talvez por esse mesmo motivo, o namoro já não é tão valorizado, em certos casos. Ao primeiro obstáculo desiste-se da pessoa que tanto demorámos a conquistar e isso é mais um aspeto que diferencia o namoro da atualidade do namoro do tempo dos nossos pais e avós. Acho que o namoro é muito mais “facilitado” também pela evolução tecnológica, que melhorou a comunicação, que hoje em dia é feita sobretudo através de telemóveis.



Paixão de Columbina – Roberto Chichorro (2010)

Graças às mentes dos pais serem muito mais abertas, o namoro é bastante diferente do que era há uns anos. Já não se tem de “namorar à janela” como dantes, e agora, vai-se ao cinema, por exemplo, com o namorado ou a namorada.

No que toca à violência e ao abuso no namoro, acho que sempre houve, só que não era denunciado como é agora, porque ao passar dos anos a mulher deixou de ser vista como um ser inferior, pelo menos como era antes.

Para concluir, considero que o namoro mudou imenso com o passar das épocas, em certos aspetos para melhor (por exemplo, o facto das mentes dos pais serem mais liberais) e noutros aspetos para pior – como é o facto de se desvalorizar e tornar numa coisa banal o amor entre duas pessoas.

Já não existem Romeus e Julietas – Marcelo Júnior, 10.º D



Frank Bernard Dicksee

É desde o início dos tempos da humanidade que a relação do namoro acontece. Sim, hoje ainda se namora, mas talvez com menos intensidade do que se via antes e de formas e com motivos diferentes.

Quando se pensa no namoro de antigamente, vem logo à cabeça a trágica relação de “Romeu e Julieta”, que mostra a profunda relação em que as personagens se encontravam.

Cartas, cantos, discursos e flores eram as principais formas de expressarem o seu desejo de estarem juntos, manifestando um profundo sentimento para com a sua “cara-metade”, aquele ou aquela que lhe completava o ser.

Hoje em dia, o namoro fica resumido a um “És toda boa!”, ou outras expressões que não demonstram tal profunda emoção.

Em suma, o namoro tem vindo, em geral, a perder brilho e originalidade, não se correndo mais atrás das raparigas, ou dos rapazes, e, assim, perdeu a emoção que antes tinha.

Andas com alguém? – Carolina Palma Drof, 10.º D

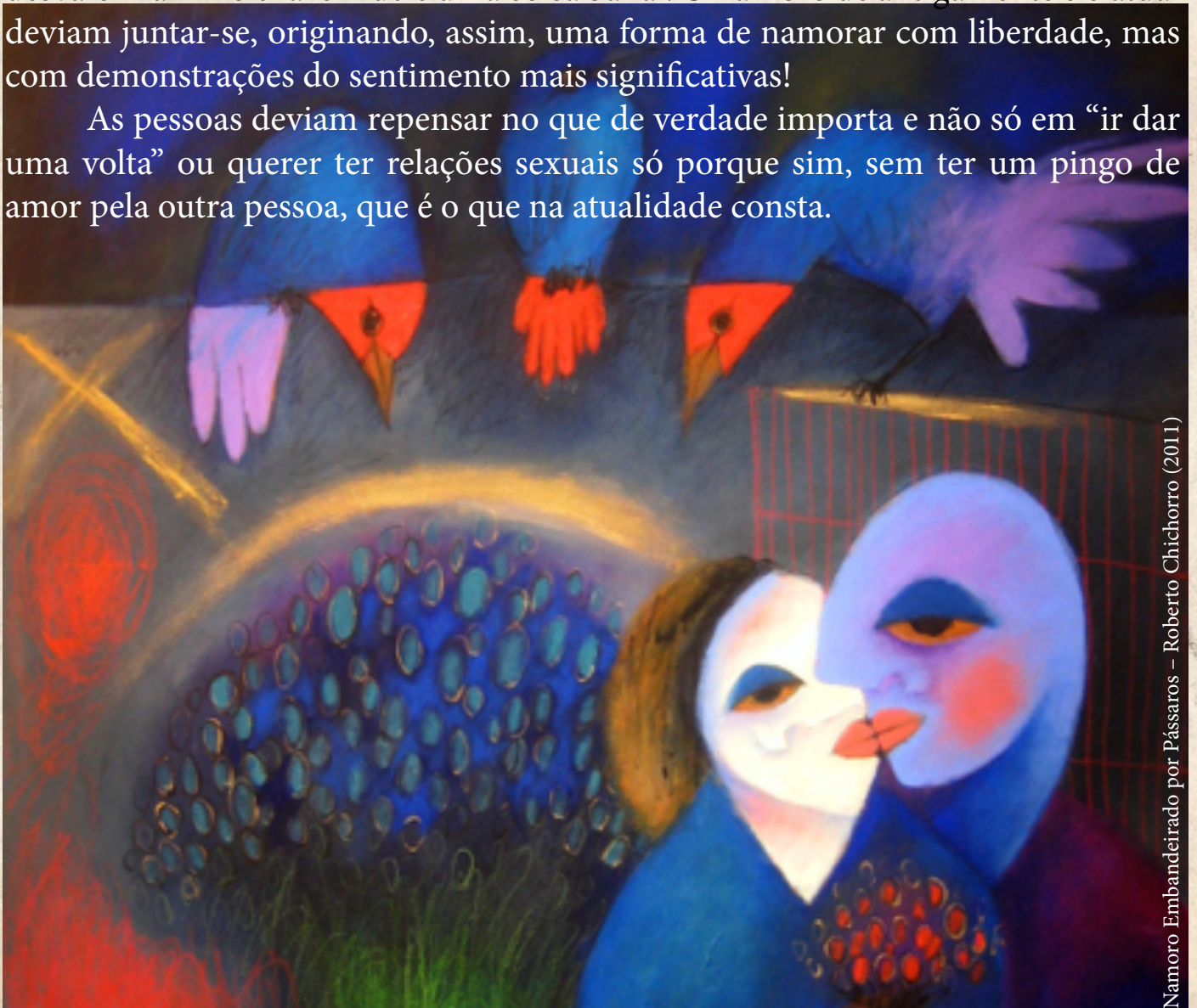
Os namoros de hoje em dia são extraordinariamente diferentes dos namoros de antigamente!

O namoro de há algum tempo era muito restrito, o casal não tinha liberdade para estar junto quando queria, tinha imensas limitações de tempo e de espaço. Já para não falar de que o sentimento era vivido e demonstrado de maneira muito mais intensa. Os elogios e palavras trocadas antes eram muito mais significantes e bonitos. Hoje em dia já ninguém sabe dizer as palavras certas para conquistar outra pessoa, agora simplesmente dão-se por conquistadas.

No tempo atual já nem se ouve o termo “namorar”, agora, simplesmente “andam”, o que me faz imensa confusão, dado o amor que supostamente essas duas pessoas sentem uma pela outra.

Eu acho que o amor é das coisas mais importantes no mundo, e as pessoas desvalorizam-no e fazem dele uma coisa banal. O namoro de antigamente e o atual deviam juntar-se, originando, assim, uma forma de namorar com liberdade, mas com demonstrações do sentimento mais significativas!

As pessoas deviam repensar no que de verdade importa e não só em “ir dar uma volta” ou querer ter relações sexuais só porque sim, sem ter um pingo de amor pela outra pessoa, que é o que na atualidade consta.



Namoro Embandeirado por Pássaros – Roberto Chichorro (2011)

O amor sempre será amor – Afonso Cadete, 10.º D

Em qualquer tempo, qualquer época, qualquer geração, um namoro é algo especial: é a união de duas pessoas por um sentimento de amor recíproco. Para mim, um namoro nos dias de hoje não é menos nem mais sentido do que o era no tempo dos nossos avós.

Pelo que os nossos avós nos contam, no tempo deles o namoro era vivido muito intensamente, era vivido como aquelas histórias de amor que só os livros nos contam,



como «Romeu e Julieta».

Naquele tempo, namoravam às escondidas, não tinham tanta liberdade, enquanto hoje em dia nós, os “donos” desta geração, podemos namorar sem impedimentos alguns, pois a mentalidade da sociedade mudou.

Antigamente, a palavra “amor” designava algo inigualável, um sentimento mágico e eterno. Nos dias de hoje, apesar do amor continuar a ser um sentimento mágico, usa-se essa palavra de forma banal ou casual. Contudo, o amor continua a ser um sentimento muito especial.

Pedro e Inês – Maria Laranjeira, 7.º I

Há contos de fadas, onde o amor é sempre vencedor e depois temos a dura realidade, aquela onde o amor é proibido, como no caso de Pedro e Inês, uma tradição de romances trágicos.

Esta famosa história de amor trata o verdadeiro amor entre dois jovens. O amor por vezes é um sentimento pouco valorizado e, no caso destes dois apaixonados, o amor venceu e eles, mesmo sendo proibido, apaixonaram-se.

A palavra “Amor” não chega para descrever o sentimento que os unia. Eles amaram-se tanto que o amor deles ficou para a História pois, passado tanto tempo ainda hoje é falado.

Naquele tempo o seu amor era proibido, pois D. Pedro era um homem casado e D. Inês era a dama de companhia de sua esposa, D. Constança. D. Inês não teve uma vida muito longa junto do seu amado, pois o pai de D. Pedro, D. Afonso IV, e os seus conselheiros não aprovavam o seu amor e com poucos anos de idade, D. Inês, foi mandada assassinar enfurecendo e entristecendo o seu amado.

Vários anos mais tarde, D. Pedro mandou matar os assassinos de D. Inês, ficando conhecido como D. Pedro, o Cruel. Depois mandou construir dois magníficos túmulos para que um dia pudesse ser sepultado e descansar infinitamente com a sua eterna amada.

Para este magnífico casal não houve obstáculos políticos, históricos ou sociais, servindo assim de exemplo a muitos outros casais e provando dessa forma que o amor tudo vence.



Pedro e Inês – Ernesto Condeixa (1958-1933)

Poema para Soraia – Gustavo Antunes, 7º I

Tinha chegado o dia 16 de julho
O dia da praia
Um nervoso medonho
Ia ter com a Soraia

Uma rapariga muito bela
O meu desejo mais profundo
Era namorar com ela
E dar-lhe todo o mundo

Já íamos de viagem
Para Albufeira
Recebi uma mensagem
De Soraia Madeira

Muito nervoso por a receber
O calor começa a aparecer
O calor! O calor!
Era o amor!

Quando lá cheguei
Com ela me deparei
Um sentimento que me penetrou
O meu coração acelerou

Os olhos esverdeados
De lábios rasgados
Uma mulher determinada
Que era por todos desejada

Não conseguia mais esconder
Este sentimento que me estava a matar
Eu tinha de lhe dizer
Eu tinha de me declarar!

Fui até ela determinado
E perguntei-lhe:
- Queres que eu de ti seja namorado?
Já não sentia o coração...

E ela respondeu:
- Não.

A tristeza apoderou-se de mim
Um amor não correspondido
Este foi o fim
Deste amor tão sentido.



Dimitra Milan

História sem final feliz – Patrícia Caeiro, 10.º E2



A Noite Estrelada – Van Gogh (1888)

Canadá. 2018. Local onde me encontro: um mísero jardim perto da minha casa. Finalmente ganhei coragem para contar uma terrível experiência que me aconteceu há uns meses atrás e, como não tenho ninguém com quem desabafar, decidi escrever os meus pensamentos num velho caderno. Teve piada... Ainda há pouco tempo tinha um monte de pessoas com quem podia falar e contar os meus problemas e, de repente, todas se foram embora. Como podem as coisas mudar em tão pouco tempo?

Chamo-me Elisabeth Cooper, nasci no dia 7 de outubro de 1984, encontrando-me hoje com 35 anos. Curiosamente, cada número do meu aniversário tem um significado diferente. O número 7 representa a ansiedade pelo desconhecido. Outubro, mês 10, representa a ausência, mas também a perfeição e a totalidade. Por último, o número 4 representa a estabilidade e o progresso. Nota: só me identifico com o número 7.

Vim para o Canadá tentar a minha sorte como escritora mas, infelizmente, não tive sucesso e acabei por ir trabalhar como empregada num restaurante que fica a 10 minutos da minha casa, a pé. Sou uma mulher de poucas palavras, porém, quando falo, digo o que a maioria das pessoas tem medo de dizer, porque não é “politicamente correto”. Contudo, esta característica também é o meu pior pesadelo: eu

devia dizer mais o que penso, mas não o digo por medo de magoar os sentimentos das outras pessoas... E eu sei bem o que é ser magoada!

O pior que nos pode acontecer é quando sabemos que as pessoas não querem saber de nós e dizem o que têm a dizer na nossa cara sem pensarem duas vezes. Já refletiram sobre o facto de que quando começamos a tratar as pessoas da mesma maneira que elas nos tratam, elas começam a estranhar? Como se ninguém as pudesse tratar mal, mas elas pudessem fazê-lo com toda a gente.

Um outro defeito meu é tirar conclusões precipitadas, o que acontece não só em relação a pessoas, mas em relação a tudo, seja um filme, um livro, uma pessoa; enfim, a tudo.

Finalmente chegámos à parte pela qual tanto esperavam: o momento em que me apercebi de que a minha vida iria mudar para sempre.

Tudo começou quando uma amiga minha, a Leonor, me convidou para ir a uma discoteca. Eu já tinha estado nessa discoteca uma vez e, para ser sincera, não achei grande coisa. Mas fui simpática e aceitei na mesma. Vesti uma roupa confortável, coloquei alguma maquilhagem leve e fomos para a festa. Morávamos as duas na mesma casa, pelo que saímos as duas ao mesmo tempo.

Chegando à discoteca, pedimos umas bebidas e, em seguida, fomos sentar-nos nuns sofás lá ao fundo. De repente, apareceram dois rapazes, bem-parecidos por sinal, e começaram a meter conversa connosco. E nós, simpáticas como somos, entrámos na conversa deles.

Passaram umas horas e eu já tinha bebido um pouco demais; em consequência, comecei a sentir-me enjoada e a doer-me a cabeça. Fui para casa sozinha, deixando a minha amiga a divertir-se com os outros.

Entrei em casa e fui diretamente para a minha cama tentar dormir um pouco.

A primeira imagem de que me lembro é de olhar para o lado e encarar a minha amiga deitada na cama praticamente nua. Primeiramente, pensei que estaria a sonhar, que ainda não estava acordada de todo. Quando comecei a ganhar mais consciência, notei que também eu estava no mesmo estado. Levantei-me rapidamente e acordei-a.

Foi então que reparámos que estava uma máquina fotográfica em cima da estante. Agarrei nela e notei que estava um vídeo em pausa. A imagem era um dos rapazes que tinha estado connosco à frente da minha cama a olhar para ela. E foi então que ganhei coragem e carreguei no play.

Ainda me lembro da dor que senti ao ver aquelas imagens passarem diante dos meus olhos, que já ardiam de tanto chorar. Não acreditava... Simplesmente não conseguia acreditar. A única coisa que senti naquele momento foi medo, raiva e

vergonha de mim mesma, por ter deixado que uma coisa daquelas me acontecesse. Suponho que não preciso de mencionar o que me aconteceu, dá para perceber apenas pelo contexto.

Eu costumo ter muito cuidado comigo, especialmente quando vou a este tipo de festas: não me costumo dar com muita gente, tento nunca beber muito. Porém, algumas vezes isso acabou por acontecer. Infelizmente, desta vez não foi diferente. Bebi um pouco demais e quando bebo costumo confiar em toda a gente que aparece à minha frente. Também não mencionei o facto de ter dado a segunda chave da minha casa aos rapazes.

A Leonor também deve ter ficado bêbeda e, como não devia conseguir andar, eles devem tê-la ajudado a ir para casa. Ela também não se recorda dessa parte da noite. Assim, facilitámos ambas o plano que eles deviam ter tido em mente desde o início. Nós, mulheres, devemos ter muito cuidado com nós próprias, principalmente, devemos ser mais espertas do que os homens. Isto que me aconteceu podia ter acontecido a qualquer outra pessoa... Desta vez, as vítimas fomos nós. Não podemos ser ingénuas e inocentes ao ponto de deixar que estas coisas nos aconteçam. Devíamos ser mais unidas e lutar contra este tipo de abuso a que podemos ser sujeitas todos os dias. Temos de respeitar o nosso corpo, as nossas qualidades, os nossos defeitos, e não ir abaixo por coisas mínimas, porque cada dia é uma guerra, e temos de lutar para vencê-la.

Temos, sobretudo, de lutar por nós mesmas, pois, se não o fizermos, quem o fará?

PARTE III
Grandes Mulheres

Uma visão desfocada da mulher ao longo da História

– Susana Ramos, 12.º E

Na década de 1970, a historiografia passa a incluir a presença feminina nos acontecimentos históricos, segundo Margareth Rago (1995) e Joan Scott (1992). O silêncio das historiadoras foi quebrado com a maciça entrada das mulheres na vida académica, no mercado de trabalho e com os sucessos do movimento feminista. É neste período que florescem vários estudos voltados para o papel da mulher na vida social, reinventando o seu quotidiano e criando formas diferenciadas de resistência à dominação masculina, mostrando-se dona da sua própria história, capaz de lutar e transformar as suas condições de vida. A mulher questiona seu papel social, reapropria-se da sua diferença enquanto mulher, sob o seu olhar e não sob o olhar masculino, é o “... reencontro da mulher com sua ‘própria natureza.’” (Rago, M. (2013). *As Mulheres na historiografia brasileira*, página 95)

No entanto, uma questão continua a pairar sobre a minha mente. Será que foi apenas a partir dessa década que começou a “História da Mulher” propriamente dita? Por que motivo terão sido desprezados milénios de história de metade do planeta? Por ter sido tão oprimida ao ponto de não ter conseguido fazer História pelas próprias mãos durante todo esse tempo, ou porque até neste ponto de vista a sombra masculina foi mais forte do que a luz dos factos verídicos?

Por que razão ainda não nos é contada a história de Joana d’Arc, heroína na Guerra dos Cem Anos de França e Inglaterra, uma vez que o nosso ensino histórico é, efetivamente, eurocêntrico? Por que motivo nos falam do contributo de Einstein e de outros notáveis cientistas para a visão do mundo contemporâneo, mas Madame Curie (duas vezes prémio Nobel) não merece mais do que uma mera referência num rodapé?

Fora da Europa, figuras ancestrais de destaque como Cleópatra são descritas por entidades de renome como a National Geographic como «Seduziu dois grandes líderes romanos, Júlio César e Marco António, ganhando assim a fama de mulher sensual que teve uma longa vida. Pérfida, insaciável, mulher fatal... O que se conhece de Cleópatra está mais baseado no mito do que em factos históricos. Poucos sabem que esta “egípcia” foi na realidade a última representante de uma dinastia greco-macêdonica instalada no país do Nilo. Na verdade, o seu único objetivo foi salvar a independência do Egipto e o seu próprio poder.» (In Cleópatra, a lenda da última rainha do Egipto (consultado em nationalgeographic.sapo.pt). Mesmo as mulheres mais poderosas da História da Antiguidade são primeiramente minorizadas na sua vertente sensual e só depois é referido o seu poder efetivo e inteligência.

É sabido que tudo isto está em constante progresso, novas investigações são feitas em honra daquelas cujos nomes se perderam no tempo, mas penso que levará tanto ou mais tempo do que foi necessário para encobrir um legado de milhares de anos e milhões de mulheres.

Pelo direito à igualdade – Tiago Fretes, 7.º B



Hoje, dia 25 de novembro, a minha mãe disse-me que é o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres. Por isso resolvi escrever sobre os direitos das mulheres.

Eu acho que todos, homens e mulheres, temos direitos iguais.

Em primeiro lugar, mulheres e homens são o mesmo, ou seja, são todos seres humanos, com as mesmas capacidades, emoções, anseios, preocupações, desejos, etc. Em segundo lugar, as mulheres e os homens, porque são todos seres da mesma espécie, devem considerar-se iguais em direitos e em deveres.

É por isso que acho que as mulheres e os homens devem ter toda a liberdade para pensarem e agirem como pensam que é melhor.

Os homens têm de parar de discriminar e maltratar as mulheres!

Acho que todos nós deveríamos pensar da mesma forma, para que se terminasse de vez com a discriminação!

As sufragistas – Susana Ramos, 12.º E

O sufragismo surgiu como uma forma de enquadrar as mulheres de todas as classes sociais, apesar das diferenças de ideologia e de objetivos, mas coincidindo no direito de reclamar o direito à participação política, sendo um dos requisitos o direito ao voto, com o objetivo de reformar a legislação e os costumes e, por consequência, a sociedade. O sufragismo surgiu nos países que adotaram o regime capitalista, países com uma classe média poderosa e com ideais democráticos que enraizavam nas suas instituições políticas.



Como marco importante para o movimento sufragista feminino, conta-se a Convenção dos Direitos da Mulher, realizada em Seneca Falls, em 1848. Nesta Convenção, redigiu-se uma tradução da Declaração de Independência dos Estados Unidos, iniciada da seguinte forma: «Acreditamos que estas verdades são evidentes: que todos os homens e mulheres foram criados iguais...» No meio de tantas batalhas, só em 1920, nos E.U.A. foi concedido o voto às mulheres, terminando uma luta iniciada 72 anos antes.

O direito de participação na vida política (a partir do direito ao voto) passou a assumir um papel preponderante nas reivindicações femininas também na Europa. Organizaram-se então numerosas associações de sufragistas que, com enorme militância, desencadearam uma luta tenaz pelo voto feminino.

John Stuart Mill apresentou ao Parlamento inglês em 1866 uma proposta a favor do voto feminino que desencadearia o nascimento do primeiro grupo sufragista britânico: a National Society for Woman's Suffrage (1867, liderada por Lydia Becker). A partir de inícios do século XX, destacaram-se as sufragistas britânicas lideradas pela célebre Emmeline Pankhurst que, pela sua combatividade, viria a marcar o feminismo do princípio do século. Indignadas com a oposição que se lhes deparava, as sufragistas inglesas procuravam atrair a atenção pública recorrendo a meios extremos que incluíam longas e ruidosas marchas públicas, piquetes, apedrejamento de polícias e montras, irrupções tempestivas no Parlamento, greves de fome. A igualdade de direitos defendida pelas ideias liberais era recusada pelo governo liberal inglês, tendo as mulheres alcançado este direito em 1918, depois de um longo processo de luta que se estendeu por mais de seis décadas.

Com exceção de um pequeno conjunto de países como a Austrália ou a Finlândia,

as pretensões políticas chocaram, até à Primeira Guerra Mundial, com uma forte oposição, sendo alvo da censura e do escárnio dos poderes políticos e da própria sociedade, maioritariamente conservadora.

As convulsões da guerra vieram alterar este estado de espírito. Com os homens nas



Tess Billington com um cartaz da WSPU

trincheiras, as mulheres viram-se libertas das suas tradicionais limitações como donas de casa, assumindo a autoridade do lar e o sustento da família. Podiam ser vistas a trabalhar nas fábricas de armamento, a conduzirem carrinhas e autocarros, a fazerem reparações elétricas, a carregarem materiais pesados. No campo, realizavam também o trabalho masculino, e mesmo na frente de batalha se tornaram imprescindíveis, assegurando os cuidados de enfermagem, pondo em risco a própria vida. Como reconheceu um comunicado do Ministério da Guerra britânico «as mulheres tinham-se revelado capazes de substituir o sexo forte em praticamente todas as tarefas».

Este esforço reforçou a autoconfiança feminina e granjeou-lhe a valorização social que até aí lhe faltava. Nas décadas subsequentes ao final do conflito, em grande parte dos países ocidentais as mulheres adquiriram o direito de intervenção política, consolidaram a sua posição jurídica na família e viram aberto o acesso a carreiras profissionais prestigiadas.

As mulheres na Matemática

– André Grilo, Jia Jing Xu, João Madeira, Marta Rosa e Raquel Madeira, 10.º D

Durante séculos as mulheres foram desencorajadas, discriminadas e até proibidas de estudar. Apesar de tudo, houve algumas delas que enfrentaram e lutaram contra o preconceito, deixando assim os seus nomes para sempre gravados na História.

Por um lado, não havia muitas mulheres matemáticas devido à pressão social existente: estas eram consideradas seres inferiores, com capacidades psíquicas inferiores às dos homens. Por exemplo, as mulheres não tinham o direito a frequentar universidades.

Por outro lado, havia ainda a questão cultural. A ideia de a mulher não estar autorizada a sair de casa sozinha, tendo de cuidar da mesma e dos filhos era ainda muito comum naquele tempo. Algumas não se casaram, pois nem sempre se encontravam homens dispostos a casar com uma mulher que estudasse Matemática.

Mesmo com todas essas dificuldades, tivemos grandes mulheres (corajosas) que participaram na construção dessa ciência, enfrentando o mundo e destacando-se na Matemática. Neste aspeto, a História também foi muito importante, pois as mulheres sempre tiveram um papel mais “passivo” em relação aos homens, dando-lhes a oportunidade de fazerem algumas das descobertas mais importantes.

Contudo, nos finais do século XIX, as mulheres começaram a estudar mais Matemática em algumas universidades, mostrando as suas qualidades nesta área. Aos poucos os preconceitos foram sendo quebrados.

Resumindo, aos longo dos tempos a mulher tem vindo a destacar-se em diversas áreas, como as Ciências ou a Matemática, sendo o seu contributo vital para a evolução não só destas ciências, mas também da Humanidade, como se tem vindo a provar com o passar dos séculos.

Mesmo com todas essas dificuldades, tivemos grandes mulheres (corajosas) que participaram na construção dessa ciência, enfrentando o mundo e destacando-se na Matemática. Neste aspeto, a História também foi muito importante, pois as mulheres sempre tiveram um papel mais “passivo” em relação aos homens, dando-lhes a oportunidade de fazerem algumas das descobertas mais importantes.



MULHERES MATEMÁTICAS AO LONGO DO TEMPO

Algumas Mulheres Matemáticas e suas principais contribuições na evolução e desenvolvimento da Matemática

Teano: foi uma matemática e filósofa da Grécia Antiga. Foi uma das primeiras matemáticas a existir, tendo estudado na escola de Pitágoras.

Hipatia de Alexandria: nasceu entre 351 e 370, em Alexandria, no Egito. Faleceu a

8 de março de 415, também em Alexandria. Foi filósofa e professora, para além de ter estudado Lógica e Matemática.

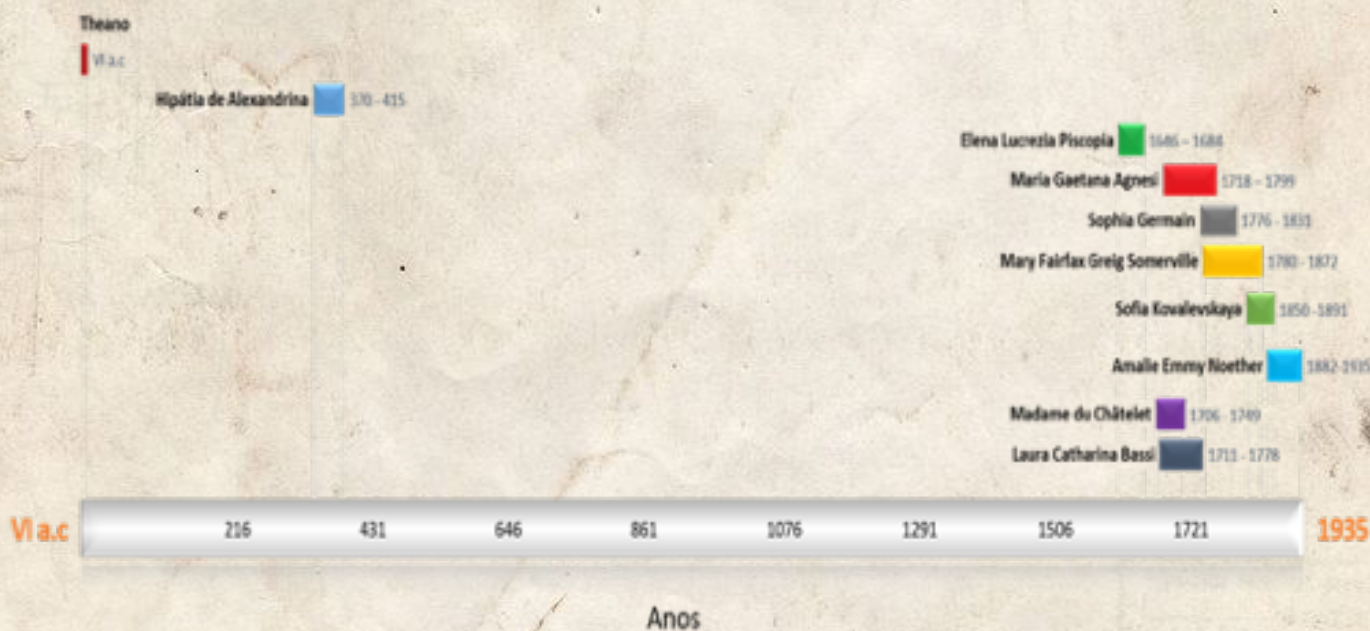
Maria Gaetana Agnesi: nasceu a 16 de maio de 1718, em Milão, e faleceu a 9 de janeiro de 1799, também em Milão. Foi filósofa, matemática e escreveu vários livros, sendo o seu primeiro sobre cálculo diferencial e integral, que consiste no estudo de taxas de variação de grandezas (como a inclinação de uma reta) e a acumulação de quantidades (como a área debaixo de uma curva ou o volume de um sólido).

Marie-Sophie Germain: nasceu a 1 de abril de 1776, em Paris e faleceu a 27 de junho de 1831, também em Paris. Foi matemática, filósofa e física francesa com contribuições fundamentais à teoria dos números e à teoria da elasticidade.

Sofia Vasilyevna Kovalevskaya: nasceu a 15 de janeiro de 1850, em Moscovo, e faleceu a 10 de fevereiro de 1891, em Estocolmo. Foi uma matemática russa, tendo contribuído para o estudo das equações diferenciais.

Amalie Emmy Noether: nasceu a 23 de março de 1882, na Alemanha e faleceu a 14 de abril de 1935, nos E.U.A.. Foi uma matemática alemã, conhecida pelas suas importantes contribuições nos campos da física teórica e da álgebra abstrata. Revolucionou, ainda, as teorias sobre anéis, corpos e álgebra.

Mulheres matemáticas ao longo do tempo



A presença feminina na História da Matemática

– Madalena Vasconcelos, Maria Beatriz Bilo, Mariana Marques, Miguel Ribeiro, Pedro Bilo, 10.º D

A mulher sempre foi vista como um ser inferior relativamente ao homem, tanto que imensas mulheres foram desencorajadas e discriminadas por quererem ir em busca do seu sonho. No caso das mulheres deste trabalho, verificamos que todas foram impedidas de estudar no ensino superior ou de serem admitidas num trabalho na sua área de estudo e investigação. Graças a isso, concluímos que a menor participação do género feminino na Matemática se deve a uma questão cultural e social, porque a mentalidade e a sociedade da época faziam com que isso acontecesse.

Consideramos também que ao longo dos séculos esta situação se tem modificado, mas não no mundo inteiro, pois ainda há imensa desigualdade de género. Nos países desenvolvidos, por exemplo, países europeus, esta situação embora ainda aconteça, já não é tão frequente.

Aqui deixamos os retratos de seis mulheres que contribuíram para a Matemática, e não só: lutaram e esforçaram-se por alcançar os seus objetivos!

Hipátia de Alexandrina

Hipátia nasceu por volta de 370, em Alexandrina. Naquela época Alexandrina era o centro literário e científico do mundo. Era filha de Teon, considerado, na altura, um dos homens mais educados de Alexandrina. Teon trabalhava no famoso Museu de Alexandrina e ficou conhecido pelos seus comentários escritos em onze livros sobre o Almagesto de Ptolomeu.

Teon conduziu Hipátia durante a sua infância para um ambiente de pensamento e reflexão sobre Astronomia, Filosofia e Matemática. Transmitiu-lhe os seus conhecimentos e mostrou-lhe quanto benéfico podia ser o ensino. Há quem diga que ela, ainda

muito nova, superou o seu pai no conhecimento. Trata-se da primeira mulher a dedicar-se à Matemática cujo nome figura na história dessa ciência.

Estudou Geometria e Filosofia, em Alexandrina, e mais tarde foi para Atenas continuar os seus estudos. Mais tarde voltou para Alexandrina onde foi convidada para dar aulas no Museu, juntamente com aqueles que tinham sido seus professores. Hipátia inventou diversos instrumentos, como o astrolábio e o planisfério, para a

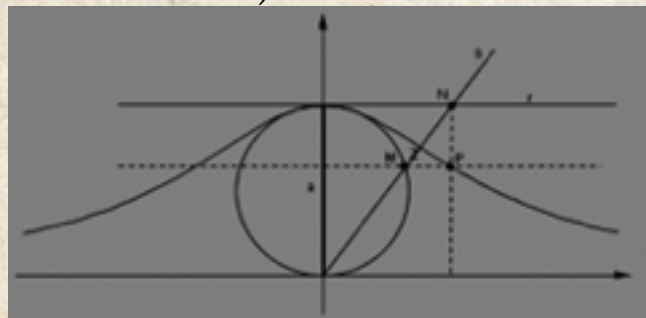


Astronomia, e aparelhos usados na Física como, por exemplo, o hidrocópio. Hipátia foi comparada com grandes matemáticos como Ptolomeu, Euclides, Apolônio, Diofanto e Hiparco e escreveu comentários sobre a Aritmética de Diofanto e as Secções Cónicas de Apolônio.

Hipátia faleceu em março de 415, e chega ao fim uma época de grandes produções matemáticas e filosóficas na Escola de Alexandrina. Séculos mais tarde outras mulheres apareceram e deixaram, também, os seus nomes registados na História da Matemática.

Maria Gaetana Agnesi

Maria Gaetana Agnesi nasceu em Milão no ano de 1718, numa época em que a Itália se opunha à instrução das mulheres. Mesmo mulheres de classe alta, como era Agnesi, não podiam frequentar universidades ou mesmo escolas para aprenderem a ler e a escrever. Agnesi era filha de um matemático (professor na Universidade de Bolonha) e era a filha mais velha de 21 crianças. O seu pai gostava de fazer



reuniões em sua casa com os intelectuais da época para discutirem em latim sobre Filosofia e Matemática, e nessas reuniões ele fazia questão da presença da filha, que ainda era uma criança.

Foi a primeira mulher a ser chamada de «matemática e filósofa», no Ocidente.

Aos 20 anos, Agnesi publicou uma coleção de 190 ensaios, baseados nos encontros dos intelectuais em sua casa, intitulados de *Propositones philosophicae*, onde ela escreve sobre elasticidade, mecânica, hidromecânica, mecânica celeste, gravidade, química, botânica, zoologia e minerologia, além de defender a educação superior nas mulheres.

Nunca gostou de ter uma vida pública, e aos 20 anos tentou afastar-se e dedicar-se apenas à vida religiosa. Porém, convencida pelo pai, continuou por mais dez anos dedicada à Matemática. Aos 30 anos, Agnesi publicou outro trabalho que foi de grande importância para a Matemática. Esse trabalho, publicado em 1748, consiste em quatro volumes, e aborda tópicos de Álgebra, Geometria Analítica, Cálculo, Trigonometria e Equações Diferenciais, com o título de *Instituzioni Analitich*. Foi considerada a sua principal obra, destinada principalmente a jovens.

Nunca foi professora na Universidade de Bolonha por ser mulher, mas foi nomeada pelo papa Benedito XIV como membro honorário dessa universidade.

Em 1752, com a morte do seu pai, Agnesi conseguiu realizar o desejo de se afastar da vida pública e dedicar-se à vida religiosa e às obras de caridade em Milão, onde permaneceu até à morte, em 1799, aos 81 anos de idade.

Infelizmente, Agnesi ficou apenas conhecida por uma curva de terceiro grau (cúbica), que leva o seu nome, a chamada Curva de Agnesi.

Contribuição

A “curva de Agnesi”, conhecida também como a “feiticeira de Agnesi” $y(x^2+a^2)=a^3$, é uma curva cúbica em que Pierre de Fermat se interessou, porém não lhe deu nome, mas Guido Grandi, um outro matemático que também estudou a curva, nomeou-a de versoria que no final, quando o seu trabalho foi traduzido para o inglês, acabou como “Witch of Agnesi” (feiticeira de Agnesi).

Sophia Germain

Sophia Germain nasceu em Paris (capital da França), no ano de 1778. Durante o período de contenção, Sophia lia livros de Matemática, entres eles a História da Matemática, de Jean Étienne Montucla, o qual lhe chamou muito a atenção e a fez interessar de tal maneira pela Matemática a ponto de se dedicar ao seu estudo.

Sophia interessou-se por várias áreas da Matemática, como a Teoria dos Números, tendo deixado muitos homens para trás enquanto trabalhava numa descoberta muito importante sobre O Último Teorema de Fermat.

Tempo depois, Sophia, sem o apoio e atenção de seu mentor, Carl Friedrich Gauss, começou a dedicar-se ao estudo da Física, outra área onde novamente teria de enfrentar as dificuldades e o preconceito da sociedade.

Assim como na Matemática, ela foi bem-sucedida nessa área. A sua maior contribuição na Física foi sem dúvida um trabalho que estabeleceu fundações para a moderna teoria da elasticidade.

Sophia recebeu uma medalha do Institut de France por reconhecimento do seu trabalho sobre O Último Teorema de Fermat.

Já no fim da sua vida, Sophia retoma a sua amizade com Gauss, que convenceu a Universidade de Gonttingen a conceder-lhe um grau honorário. Porém, Sophia morreu antes de poder ser reconhecida como merecia. Morreu aos 55 anos de idade, de cancro da mama, em 1831.



Mary Fairfax Greig Somerville

Somerville nasceu na Escócia no ano de 1780.

Quando já tinha 13 anos, ao ler uma revista de moda feminina, deparou-se pela primeira vez com um problema de Álgebra elementar, que de imediato despertou nela a curiosidade de saber e entender todos aqueles símbolos.

Além de Euclides, posteriormente estudou o Princípio de Newton, Astronomia, Física e Matemática Superior.

Somerville casou-se não apenas uma vez, mas duas. No ano de 1804, aos 24 anos de idade, casou-se com um dos seus primos. Desta união, ela teve dois filhos. Porém, após três anos de casamento, o marido morreu deixando-lhe uma boa herança, permitindo assim que ela continuasse com os estudos e montasse uma pequena biblioteca.

Oito anos mais tarde, Somerville casou-se novamente, e desta união teve quatro filhos.



Somerville foi a primeira mulher a ser aceita na Sociedade Real Inglesa de Astronomia, além de ter sido admitida em sociedades científicas de vários países. A Sociedade Real Inglesa de Ciências homenageou-a com uma escultura que expôs no seu grande saguão. Infelizmente ela nunca chegou a vê-la, pois não era permitida a entrada de mulheres no prédio da Sociedade.

Em 1834 publicou o tratado *As conexões com as ciências físicas*. Foi também a partir desse tratado que o astrônomo John Couch tirou os fundamentos iniciais para a descoberta do planeta Neptuno.

Morreu aos 92 anos de idade. Porém, até à morte continuou a estudar e escrever artigos científicos de alto nível. Escreveu ainda a sua autobiografia, que foi publicada após a sua morte por uma das suas filhas.

Sofia Kovalevskaya

Sofia Kovalevska foi uma matemática russa, nascida numa família da nobreza russa, em Moscovo (capital da Rússia), no ano de 1850. Herdou o seu interesse pela Matemática através do seu pai e do seu tio. Devido às leis do seu país, foi impedida de entrar numa universidade quando terminou o secundário e como era solteira

não podia sair do país. Decidiu casar por conveniência com um futuro paleontólogo conhecido, Vladimir Kovalevskaya, e pouco tempo depois ambos mudaram-se para Heidelberg (cidade Alemã).

Enquanto estudava, escreveu três grandes trabalhos: A Teoria de Equações Diferenciais Parciais; A Redução de integrais abelianas de terceira espécie; Suplementação da pesquisa de Laplace sobre os anéis de Saturno. O que se tornou na sua tese e é o que estudamos hoje em equações diferenciais parciais é o “Teorema de Cauchy-Kovalevskaya”.

Depois de muito esforço, aos 24 anos a Universidade de Göttingen (cidade Alemã) concedeu-lhe o título de doutora.

Sofia durante a sua vida defendeu a igualdade de género, mais especificamente o direito que as mulheres tinham e não lhes era dado de frequentarem o ensino superior no seu país.

Como nenhuma universidade alemã lhe ofereceu trabalho, Sofia voltou ao seu país de origem. No auge da sua carreira, quando matemáticos de todo o mundo pediam a Sofia para ver os seus trabalhos e dar a sua opinião, a própria falece, aos 41 anos de idade, com pneumonia, no ano de 1891.



Amalie Emmy Noether

Muitas mulheres com imenso potencial para se dedicarem ao estudo da Matemática são desencorajadas ou discriminadas. Um caso desses é de Amalie Emmy Noether, filha do conhecido matemático judeu Max Noether, nascida no ano de 1882 em Erlangen, Alemanha. Estudou línguas no ensino secundário, e ao concluir decidiu dar aulas de inglês e francês numa escola só para mulheres. Percebendo que não era a sua vocação, Amalie decidiu enfrentar o preconceito. Em 1909, foi admitida na Sociedade de Matemática Alemã e em 1922 tornou-se professora em Göttingen. O sonho que tanto demorou a ser conquistado deixou de existir quando os nazis proibiram Amalie de participar em atividades académicas porque, para além de ser mulher, era judia.

Acabou por ir para os Estados Unidos onde ocupou uma cadeira no Instituto de Estudos Avançados de Princeton e conheceu Albert Einstein.

No auge da sua carreira, e talvez da sua vida (pois era muito feliz), Amalie faleceu no ano de 1935 com 53 anos, depois de uma cirurgia a um ovário.

Amalie deixou-nos os seus principais trabalhos, no campo da álgebra, mais concretamente sobre o estudo de anéis, grupos e corpos, como é o exemplo do teorema de Noether.

M de Mulher e de Matemática – Afonso Cadete, 10.º D

A História da humanidade é constituída por homens e mulheres, porém, a história que é contada não dá o devido destaque ao género feminino. Como a Matemática faz parte dessa história, as mulheres que deixaram a sua marca nesta área também passaram invisíveis aos olhos da humanidade, ou seja, ao longo da História da Matemática é enaltecido um grande número de homens, de facto importantes, enquanto a História criada por pessoas do género feminino acaba por ser “escondida”. É exemplo disso o facto de na escola tudo o que se aprende, como teoremas, entre outras coisas, ser denominado (quase) sempre com nomes de homens.

A quase invisibilidade das mulheres na História da Matemática é devida à conjugação de vários fatores: social, cultural e histórico. As mulheres foram consideradas mais fracas tanto fisicamente como mentalmente, por isso ficaram invisíveis. O homem dominava o mundo, as mulheres apenas ficavam em casa a fazer trabalhos domésticos, porque apenas isso lhes competia. No Contrato Social de Rousseau, filósofo do século XVII, ele ignora a ideia de existirem mulheres numa futura república. Rousseau e Spinoza, filósofo do século XVII, refletem sobre o controlo das mulheres, pois pensam que apenas os homens têm essa capacidade e que elas, sendo fracas e frágeis, são dependentes do género masculino. Contudo, essa invisibilidade não é originária de fatores biológicos, pois as mulheres não são menos inteligentes do que os homens.

Nos dias de hoje, com a evolução da humanidade, as mulheres começaram a ter um papel mais digno e importante na vida social e a desigualdade de género diminuiu. Porém, a história de muitas mulheres importantes continua “escondida” dos olhos da população.

“Lembrando que a discriminação contra as mulheres viola os princípios da igualdade de direitos e do respeito da dignidade humana, que dificulta a participação das mulheres, nas mesmas condições que os homens, na vida política, social, económica e cultural do seu país, que cria obstáculos ao crescimento do bem-estar da sociedade e da família e que impede as mulheres de servirem o seu país e a Humanidade em toda a medida das suas possibilidades” [Excerto do documento da ONU, Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW)]

Marie-Sophie Germain

(1 de Abril de 1776 - 27 de Junho de 1831)

Nascida em França, matemática, física e filósofa, Marie teve uma grande contribuição para a teoria dos números e para a teoria da elasticidade, com esta última, devido à sua tese, ganhou o prémio da Academia Francesa de Ciências.

Foi uma autodidata, pois aprendeu através dos livros que seu pai tinha em casa. O seu trabalho inicial foi a teoria dos números, o qual ocupou toda a sua vida, cujo interesse foi estimulado pela *Théorie des nombres*), de Adrien-Marie Legendre, e por *Disquisitiones Arithmeticae*, de Carl Friedrich Gauss .

[Informação retirada do site: <https://www.britannica.com/biography/Sophie-Germain>]

Alicia Boole Stott

(8 de junho de 1860 – 17 de dezembro de 1940)

Nascida na Grã-Bretanha. Nunca chegou a ter um currículo acadêmico. Contudo, devido às suas valiosas contribuições, recebeu um doutoramento honoris causa, pela Universidade de Groningen.

Ficou conhecida como a “mãe” do termo matemático “polítopo” - convexo sólido de quatro ou mais dimensões -, também teve grande importância na geometria, desde que era nova.

[Informação retirada do site: https://scientificwomen.net/women/boole_stott-alicia-9]

Annie Dale Biddle Andrews

(13 de dezembro de 1885 — 14 de abril de 1940)

Nascida nos Estados Unidos da América. Foi a primeira mulher a ganhar um Ph.D. em Matemática na Universidade da Califórnia em Berkeley.

Em 1911 escreveu uma tese, *Constructive theory of the unicursal plane quartic by synthetic methods*, publicada pela universidade em 1912. Trabalhou como mestre de Matemática nessa universidade entre os anos de 1915 e 1932 e publicou um ensaio no *Jornal da Sociedade Americana de Matemática* em 1933.

[Informação retirada do site: <https://www.agnesscott.edu/lriddle/women/andrews.htm>]

Shakuntala Devi

(4 de novembro de 1929 - 21 de abril de 2013)

Nascida em Índia. Também conhecida como “Computador Humano”. Shakuntala demonstrou o seu grande potencial na Matemática aos 3 anos. Aos 5 anos, já conseguia resolver puzzles aritméticos com um elevado grau de dificuldade. Entre os anos 1950 a 1970, venceu várias competições matemáticas contra computadores, incluindo o cálculo da raiz cúbica de 188132517.

Em 1982, entrou para o livro do Guinness World Records ao conseguir acertar, em apenas 28 segundos, o resultado de uma multiplicação de dois números ao acaso com 13 dígitos cada.

[Informação retirada do site: <https://www.nytimes.com/2013/04/24/world/asia/shakuntala-devi-human-computer-dies-in-india-at-83.html>]

As mulheres que as ruas de Évora homenageiam

Beatriz Calvino, Guilherme Gusmão, Inês Gancho, Marta Rosa, Raquel Madeira, 10.º D

Catarina Eufémia

“Chamava-se Catarina/ O Alentejo a viu nascer/ Serranas viram-na em vida/ Baleizão a viu morrer”. Pela voz de Zeca Afonso, a história de Catarina Eufémia foi ficando guardada nas memórias do comunismo alentejano. A camponesa que deu a vida pela revolução dos trabalhadores, se fosse viva, teria hoje 91 anos.

Nascida a 13 de fevereiro de 1928, Catarina Eufémia era filha de camponeses e vivia em Baleizão, concelho de Beja. Casada, com três filhos e um espírito muito politizado graças à influência do marido, Catarina protagonizou uma das mais simbólicas lutas da região alentejana contra o Estado Novo. O seu rosto tornou-se símbolo da luta antifascista e a sua memória passou a figurar na memória do Partido Comunista Português (PCP).



No entanto, diz Pedro Protes da Fonseca, autor do livro *O Assassino de Catarina Eufémia*, sobre questões ideológicas, existe uma grande divergência. Apesar de não existirem provas de que Catarina estivesse ligada ao PCP, o marido teve um historial relacionado com os comunistas, estando mesmo marcado pela PIDE. “Ela fazia distribuição de jornais clandestinos”, conta, lembrando que “era uma pessoa que politizava as pessoas à volta.” “O Carlos Brito [antigo dirigente do PCP] dizia-me com muita graça: ‘Eu não sei se ela era comunista ou não era comunista, mas que no coração dela batia comunismo, batia’”, conta o autor entre risos.

Da história de Catarina sabe-se que em 1954, com apenas 26 anos, a camponesa foi protagonista de uma greve para reivindicar aumento de salários e melhores condições de trabalho. No momento em que tentaram falar com o proprietário, este acabou por chamar a GNR, que rapidamente correu ao local.

“A partir daí, as histórias divergem”, afirma Protes da Fonseca. “O PCP faz a história deles, que foi assassinada [premeditadamente]. Eu, no livro, não dou isso como

certo, porque nunca ficou, na verdade, provado”, explica. Segundo as provas que encontrou, “não há dúvida de que ele lhe deu um estalo e ela caiu, e quando se levantou, ele empurrou-a com a arma e a partir daí dá-se o disparo, três tiros.”

Prostes da Fonseca coloca em cima da mesa a possibilidade de o homicídio ter sido accidental porque “aquelas armas disparavam sozinhas muitas vezes”. “Que ela foi assassinada foi, que foi premeditado...”

O tenente Carrajola, o segundo responsável pelo corpo de intervenção de Beja e autor dos disparos que levaram à morte da ceifeira, foi depois julgado, explica o escritor, que conseguiu encontrar o processo perdido do militar. “Ao contrário do que o PCP diz, ele foi julgado, houve uma altura em que um procurador tentou apertar com ele, mas depois, no fim, foi absolvido de uma forma até caricata.” “O acórdão diz que ele acabou por ter dado um pequeno toque com a mão na cara da camponesa e a arma disparou sozinha”, recorda.

“A verdade é que este tenente acaba por ser um bocado a imagem do que era o regime: austero, uma pessoa que fazia cumprir ordens”, explica o também autor de *Contra as Ordens de Salazar*.

Ainda hoje, Catarina Eufémia é um símbolo para os comunistas. Em Baleizão, no sítio onde “ficou vermelha a campina/ Do sangue que então brotou”, como cantava Zeca Afonso, está agora uma foice, em homenagem à luta dos comunistas alentejanos. E todos os anos, na data da sua morte, 19 de maio, o PCP mantém vivo o sacrifício de Catarina Eufémia com uma romagem ao monumento, com a presença do secretário-geral Jerónimo de Sousa.

(Retirado de <https://sol.sapo.pt/artigo/600383/catarina-eufemia-o-coracao-que-batia-comunismo-vai-se-apagando-aos-poucos>)

D. Beatriz de Vilhena

D. Beatriz de Vilhena, Princesa consorte de Portugal - 2.^a Duquesa de Coimbra. Senhora das Vilas de Montemor-o-velho, de Penela, de Reguengo-do-campo, de Alcácer, de Ponte de Almeira, de Abor, por casamento.

Nasceu cerca de 1480 e faleceu em outubro de 1535.

(Retirado de <https://www.geni.com/people/Beatriz-de-Vilhena-D/6000000000640250759>)

Diana de Liz

Chamou-se em vida Maria Eugénia Haas da Costa Ramos, e assinou-se como escritora Diana de Liz (Évora, 1892 – Lisboa, 1930). Revelou-se escritora pouco con-



vencional para o gosto e a moral da época, pelos temas que abordava e pela forma direta que empregava para os colocar à consciência dos leitores. Defensora da emancipação feminina, a sua problemática tem que ver com a condição subalterna que a sociedade portuguesa reservava para a mulher, nas primeiras décadas do século XX. Assinou-se com o pseudónimo de «Mimi Haas», nos jornais e revistas de então (Correio da Manhã, Diário de Notícias, Diário de Lisboa, e revistas Magazine Bertrand, Vida Feminina, Civilização e ABC).

(Retirado de <https://aviagemdosargonautas.net/2014/12/01/dia-de-evora-dia-na-de-liz-por-joaquim-palminha-silva/>)

Florbela Espanca

Florbela Espanca é considerada uma das mais importantes poetisas portuguesas. Foi autora de sonetos e também uma das primeiras feministas de Portugal. A sua poesia tem um estilo peculiar, aliando sofrimento e desencanto ao desejo de ser feliz. Florbela nasceu dia 8 de dezembro de 1894, em Vila de Viçosa. (...)

As suas primeiras composições poéticas datam do ano de 1903, com o poema “A Vida e a Morte”, quando Florbela tinha apenas nove anos de idade. Foi uma das primeiras mulheres de Portugal a frequentar o curso secundário no Liceu Nacional de Évora. Lá concluiu o curso de Letras e posteriormente atuou como jornalista na publicação Modas & Bordados e também no jornal Voz Pública.

Em 1913 casou-se com Alberto Moutinho, um colega de escola. Nessa época conheceu outros poetas e participou de um grupo de mulheres escritoras. Em 1917, Florbela foi a primeira mulher a ingressar no curso de Direito da Universidade de Lisboa.

Em 1919, lançou Livro de Mágoas e nessa época começou a apresentar certo desequilíbrio emocional. Sofreu um aborto espontâneo e adoeceu durante um longo período.

Em 1921, divorciou-se de Alberto e casou-se com o oficial de artilharia António Guimarães. Em 1923 publica Livro de Soror Saudade. Nesse mesmo ano, sofre outro aborto e separa-se do marido.

Em 1925, casa-se com o médico Mário Laje, em Matosinhos. Em 1927, falece seu irmão Apeles



Espanca em um trágico acidente de avião, facto que a levou a tentar o suicídio. A morte precoce do irmão serviu-lhe de inspiração para escrever *As Máscaras do Destino*.

A obra de Florbela é permeada por um forte teor confessional, trazendo revelações de acontecimentos que diziam respeito à sua condição sentimental. Não fez parte de nenhum movimento literário, mas o seu estilo remete para a poesia romântica, com forte teor emocional.

A poetisa suicidou-se com o uso de barbitúricos, no dia 8 de dezembro de 1930. Seria o dia do seu aniversário e também época próxima da publicação de sua obra-prima, *Charneca em Flor*. A obra só foi publicada em janeiro de 1931.

Parte da sua inspiração foi proveniente da sua vida breve, porém intensa. Conviveu com a rejeição do pai, que apesar de tê-la criado, só dezanove anos depois da sua morte a reconheceu legalmente como filha. O facto ocorreu na inauguração de seu busto em Évora, após dura insistência de um grupo de florbelianos.

Algumas obras:

- Livro de Mágoas, 1919
- Livro de Soror Saudade, 1923
- Charneca em Flor: sonetos de Florbela Espanca, 1931
- Juvenília, 1931
- Cartas de Florbela Espanca a Dona Júlia Alves e a Guido Battelli, 1931
- As Máscaras do Destino, 1931
- Reliquiae, 1934
- Cartas de Florbela Espanca, 1949
- Diário do Último Ano, 1981
- O Dominó Preto, 1983

(Retirado de <https://www.infoescola.com/literatura/florbela-espanca/>)

Maria Lamas (1893-1983)

Mulher de personalidade admirável, escritora, e interveniente na política portuguesa de uma família burguesa de Torres Novas onde estudou até aos dez anos. Aprendeu línguas, o que lhe veio a ser útil mais tarde. Traduziu *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, que conheceu em Paris. Viveu em Luanda e quando o casamento naufragou divorciou-se e quis ser ela a assegurar a educação das duas filhas. Começou a escrever para vários jornais como o *Correio da Manhã* e *Época*. Casou, em 1921, com Alfredo da Cunha Lamas com quem viria a ter outra filha. Em 1928 passou a dirigir o suplemento *Modas & Bordados* do jornal *O Século*, dando-lhe uma forma diferente. Um jornal que passou a dar lucro, tal a importância da sua

colaboração. Era preciso informar as mulheres trabalhadoras sobre os seus direitos. Ligou-se ao MUD (Movimento de Unidade Democrática) e depois ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, onde teve uma intensa actividade política e cultural. Foi presa, pela primeira vez, por motivos políticos, em 1949. Sofreu na prisão, porque a PIDE a colocou numa prisão incomunicável durante quatro meses, tendo adoecido.

Depois de várias prisões, viu-se obrigada ao exílio.

Escreveu uma obra diversificada, desde contos infantis a estudos na área da mitologia. Porém, o seu livro mais importante é *As Mulheres do Meu País*, uma obra de referência. Seguem-se *A Mulher no Mundo*, de 1952 e *O Mundo dos Deuses e dos Heróis*, de 1961.

Esteve exilada diversas vezes, entre 1953 e 1962. Passados sete anos regressou do exílio, com 76 anos e ainda com a mesma esperança de melhores dias para Portugal. Viveu o

25 de Abril de 1974 com enorme alegria. São-lhe atribuídas duas das mais honrosas condecorações portuguesas, a de Oficial da Ordem de Santiago da Espada e a da Ordem da Liberdade.

Faleceu aos 90 anos, em Dezembro de 1983.

(Texto adaptado de <https://www.leme.pt/biografias/80mulheres/lamas.html>)



Maria Rosa Colaço

Conhecida por escrever vários livros infanto-juvenis, nunca gostou de ser chamada de escritora de literatura infantil. Sempre disse que, quando escrevia, era para todos os leitores e defendeu durante toda a vida a importância da leitura no desenvolvimento e educação da criança.



Natural do Torrão, onde nasceu em 1935, Maria Rosa Colaço fez o curso de enfermagem no Instituto Rockefeller, mas optou pelo jornalismo que exerceu em África (*Notícias da Beira* e *Notícias de Lourenço Marques*) e em Portugal (colaborou em vários jornais e publicou crónicas regularmente, durante 20 anos, no jornal *A Capital*).

Frequentou a Escola do Magistério de Évora e destacou-se como professora do ensino básico

em Moçambique, em Cacilhas e em Almada, onde passou a viver. Foi também assessora da RTP durante 12 anos, tendo sido responsável por vários programas para crianças, como “Eu sou capaz” ou “Como é, como se faz, para que serve”.

O seu primeiro livro foi Espanta pardais e escreveu, entre outros títulos: A gaivota (prémio Soeiro Pereira Gomes, em 1982), Pássaro branco (prémio Alice Gomes), O menino e a estrela, Aventuras de João-Flor e Ana-Amor, Aventuras com asas ou Maria tonta como eu. Em 1958, com a peça A outra margem, ganhou o Prémio Revelação de Teatro.

A sua obra mais conhecida é A criança e a vida, "esse milagre de pedagogia poética" nas palavras de Urbano Tavares Rodrigues, uma antologia de textos infantis que deu asas à capacidade de sonho e invenção dos mais pequenos e teve mais de 40 edições em várias línguas.

Morreu a 13 de outubro de 2004 e está sepultada no cemitério do Torrão.

(Retirado de <http://www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/personalidades/maria-rosa-colaco/>)

Paula Vicente

Paula Vicente (1519-1576) era filha de filha de Gil Vicente e de Mecília Rodrigues. Foi uma artista portuguesa e dama da Infanta D. Maria. Era conhecida pela sua erudição e talento musical, tendo sido tangedora e tendo representado nalgumas peças de seu pai.

Escreveu várias comédias, e editou e organizou uma compilação com o seu irmão, Luís Vicente.

(Retirado de https://pt.wikipedia.org/wiki/Paula_Vicente)

Palmira Bastos

No assento número 11 do livro de nascimento do ano de 1875 da Conservatória do Registo Civil de Alenquer, podemos ler na folha cento e quarenta verso: No dia trinta do mês de Maio, nasceu na freguesia de Aldeia Gavinha do concelho de Alenquer um indivíduo do sexo feminino, a quem foi dado o nome completo de Maria da Conceição, filha legítima de Pedro Echavarria Martins no estado de casado de profissão actor, natural do Reino de Espanha da cidade de Valladolid, província de Castela a Velha e de Maria das Dores, no estado de casada, de profissão actriz natural do reino de Espanha, cidade de São Tiago de Compostela, provincia de Galiza. Numa nota à margem deste texto, na caligrafia de um Conservador, pode ler-se:

Este assento é o da conhecida actriz Palmira Bastos.

Esta menina, nascida e batizada em Aldeia Gavinha, filha de artistas espanhóis ligados a uma companhia de teatro ambulante, seria, anos depois, um grande valor do teatro português.

Pouco tempo depois do seu nascimento, com o afastamento do pai e já desfeito o grupo de teatro, a mãe ficou sem meios de subsistência e com três filhos para criar. Foi, então, trabalhar para Lisboa. Durante o dia numa modista é à noite como co-rista nos teatros Trindade e depois no Teatro da Ria dos Condes. A filha mais nova acompanhava a mãe, recriando nas suas brincadeiras aquilo a que assistia nos espetáculos.

Este convívio e interesse pelo palco levam-na muito cedo ao teatro profissional.

A atriz descreve assim o início da sua carreira: comecei no Teatro da Rua dos Condes, tinha eu quinze anos. Entrava na fantasia musical que decorria num país imaginário e se intitulava “O Reino das Mulheres”. Sousa Bastos tinha-a visto em Paris e traduzira-a para português. Eu dizia poucas palavras. Tive a sorte de começar pelo princípio.

A partir daí, passou a atuar no Teatro Avenida. Dois anos depois, integrada na Companhia Rosas e Brazão, apresenta-se no Brasil com sucesso.

Adota, entretanto, o nome de Palmira em homenagem a sua mãe, que usava o nome artístico de Palmira Rey.

Em 1894, casa com o empresário teatral Sousa Bastos.

O primeiro grande triunfo de Palmira Bastos surge em 1900, aos 25 anos, com a peça A Boneca, que teve o número excepcional de 600 representações.

Uma das suas qualidades artísticas era a sua capacidade de se desdobrar com êxito nas diversas formas de expressão teatral. A esta versatilidade e virtuosismo da artista se refere D. João da Câmara quando escreve: a Palmira se está na opereta faz-nos falta no drama; se está no drama faz-nos falta na opereta...

Também Eduardo Schwalbach escreve referindo-se às suas capacidades multifacetadas: o talento que logo nos primeiros passos em cena se lhe adivinhou, tomou forma e alento, engrandeceu-se e acabou por dominar. A realização esmagou a profecia. Hoje é uma grande actriz sem sombra de dúvidas, na opereta, na comédia, no drama. O seu delicado espírito, o seu talento cheio de subtilezas perfumam-lhe todas as personagens que interpreta.

A partir de 1919, Palmira Bastos está no Teatro Nacional D. Maria, como figura destacada da Companhia Amélia Rei Colaço - Robles Monteiro.

Durante mais de trinta anos foi aí acumulando sucessos até à destruição desse teatro num incêndio na década de sessenta.

A companhia, com todo o seu elenco, passou a atuar no Teatro Avenida. Deste

modo, Palmira Bastos, voltou a um dos teatros do início da sua carreira, onde permanece até ao fim da sua carreira.

Muitas homenagens, prémios e condecorações portuguesas e estrangeiras lhe foram concedidas. (...) No dia dos seus anos, a 30 de maio de 1965, Palmira Bastos, que entretanto se despedira das atividades teatrais, é alvo de uma calorosa homenagem nacional.



Wang Zhen Yi – Jia Jing Xu, 10.º D



Foi durante a dinastia Qing, na China, que viveu Wang Zhen Yi, uma jovem muito culta, que se dedicou ao estudo da Astronomia, Medicina, Matemática, Geografia, Física e que escreveu poesia.

Wang Zhen Yi viveu no século XVIII, numa época em que as mulheres não tinham nenhuns direitos e ela não podia frequentar escola, por isso aprendeu praticamente sozinha com a ajuda dos livros da biblioteca do avô. Ela resistiu ao regime feudal e abriu caminho à pesquisa científica, lutando pelo direito das mulheres à educação e à oportunidade de aprender ciência e cultura. A sua determinação foi um exemplo para a autoconfiança das mulheres.

A sua maior dedicação foi ao estudo de Astronomia e, por isso, ela sentava-se muitas vezes sozinha ao ar livre, observando atentamente o funcionamento e as alterações dos astros. Realizou muitas experiências, usando velas, uma mesa e um espelho para simular o Sol, a Terra e a Lua. Descobriu, assim, o princípio do eclipse lunar e escreveu a famosa obra *A Explicação de um Eclipse Lunar*.

Para mim, Wang Zhen Yi foi uma mulher muito forte, corajosa e única no seu tempo, pois realizou estudos importantes e provou que as mulheres não são inferiores aos homens e que, se lhe derem as mesmas condições e oportunidades, elas conseguem obter grandes êxitos em todos os domínios do conhecimento.

Carolinas e feministas –Susana Ramos, 12.º E

O movimento feminista em Portugal foi marcado por importantes organizações, mas, sobretudo, grandes mulheres que lutaram pela sua liberdade.

No contexto da luta europeia pelos direitos da mulher que despontava no início do século XX, começam a registar-se as primeiras manifestações do movimento no nosso país. Em setembro de 1902, o jornal portuense *O Primeiro de Janeiro* publicou, traduzidos do alemão, uma série de seis artigos da prestigiada lusófila Carolina Michaëlis de Vasconcellos (primeira mulher a lecionar numa Universidade portuguesa), com o título genérico «O movimento feminista em Portugal». No início daquele que é o primeiro texto considerado relevante sobre a história do feminismo português pode ler-se:

«O combate das massas femininas em vista de melhores condições sociais está inteiramente por organizar no mundo peninsular. Elas não têm reclamado (...) a equiparação nos direitos civis nos dois sexos, e não pensam sequer em direitos de ordem mais elevada, como seja o do sufrágio.»

Surgiram em Portugal a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1909) e a Associação de Propaganda Feminista (1911). Estas contaram com o esforço de mulheres prestigiadas como Ana de Castro Osório, Adelaide Cabete, Maria Veleda e Carolina Beatriz Ângelo.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos foi professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo uma larga produção nas áreas camoniana, vicentina, mirandina, bernardina, da romancística e, claro, da lírica trovadoresca, ou seja, todos contributos para o conhecimento da literatura medieval e clássica portuguesa.

Carolina Beatriz Ângelo nasceu a 16 de abril de 1878 na Guarda, e, não tendo sido a primeira mulher a licenciar-se em Medicina (honra que coube a Elisa Augusta da Conceição de Andrade), foi a primeira cirurgiã portuguesa. No seu dia a dia sempre foi tratada por D. Carolina, sem aparentemente ter direito ao título de doutora, ao contrário do que acontecia com o seu marido ou outros colegas de profissão. Sem nunca abandonar a sua carreira médica, a sua vida familiar e as suas obrigações como mãe, Carolina não hesitou em envolver-se na luta pelos ideais em que acreditava: a emancipação feminina. Era uma mulher decidida e inconformada. (Roseira, Maria de Belém (2012). *Mulheres Livres*, pp. 61-69).



Aproveitando a omissão da lei, o Código Administrativo não explicitava o sexo dos chefes de família, e considerando-se com o direito ao voto, por saber ler e escrever, ser chefe de família (visto ser viúva e ter uma filha menor a seu cargo), Carolina Beatriz Ângelo apresenta a 4 de abril de 1911, na Comissão de Recenseamento, um



requerimento onde solicita ser incluída nos cadernos eleitorais. Em 28 de abril, e numa decisão histórica, João Batista de Castro, juiz da 1ª Vara Cível de Lisboa e pai da amiga e companheira de luta Ana de Castro Osório, proferiu uma sentença favorável à médica, ordenando a sua inclusão nos cadernos eleitorais.

No dia 28 de maio de 1911, Carolina torna-se na primeira mulher a votar em Portugal. Em seu nome e em nome das mulheres dava um primeiro passo no sentido da liberdade.

O seu ato eleitoral teve repercussões por toda a Europa. Telegramas e felicitações chegaram à sede da associação vindos da Holanda, Dinamarca, Alemanha e França. Mas, para além dos elogios, recebeu críticas por defender o voto restrito a mulheres que soubessem ler e escrever, mas também por aquelas mulheres que «receiam o ridículo» e «imaginam que nós somos uma espécie de mulher-homens com cabelos curtos e colarinhos altos».

Em junho, assiste à abertura das Constituintes e relata a sua emoção à amiga Ana de Castro Osório: «(...) Sim, o que eu senti, o que todos sentimos só se experimenta uma vez na vida. Chorei, chorei e quando envergonhada, furtiva limpava as lágrimas, reparei que toda a gente, homens e mulheres, sucedia o mesmo.»

Simone de Beauvoir e o neofeminismo dos anos 60 e 70 do século XX

– Susana Ramos, 12.º E

A obtenção do direito de voto e todas as reformas que trouxe consigo tinham deixado as mulheres relativamente tranquilas; as suas exigências haviam sido satisfeitas, viviam numa sociedade quase igualitária do ponto de vista legal e a calma parecia reinar na maioria dos lares.

A obra de Simone de Beauvoir é a referência fundamental da mudança que se avizinhava. Tanto a sua vida como a sua obra são paradigmáticas do novo ressurgimento do movimento. No seu livro *O Segundo Sexo*, lança a seguinte problemática: «Ninguém nasce mulher: torna-se mulher» (p. 9). De acordo com essa ideia, não são os fatores biológicos, nem psíquicos que definem a passividade que as mulheres assumem na sociedade, mas é resultado do que essa sociedade e seus educadores impuseram, a partir de como o homem qualificava o feminino. Sendo assim, a mulher conhecia-se, e tonava-se o que era a partir daquilo que o homem definia. Para Simone de Beauvoir, é necessário refazer a mulher, para que seja igual ao homem, conquistar direitos juridicamente iguais e participar da atividade pública, da produção e não somente do trabalho doméstico. Ao mesmo tempo que pioneira, constitui um brilhante exemplo de como a teoria feminista supõe uma transformação revolucionária da nossa compreensão da realidade.

Esta dificuldade foi retratada pela americana Betty Friedan: o problema das mulheres era o “problema que não tem nome”, e o objetivo da teoria e da prática feministas foi, justamente, nomeá-lo. Na sua obra *A Mística da Feminilidade* (1963) analisou a profunda insatisfação das mulheres americanas consigo mesmas e com a sua vida, a sua tradução em problemas pessoais e diversas patologias autodestrutivas: ansiedade, depressão, alcoolismo. No entanto, o problema é para ela um problema político: a “mística da feminilidade” – reação patriarcal contra o sufrágio e a incorporação das mulheres na esfera pública durante a Segunda Guerra Mundial – que identifica a mulher com a mãe e a esposa, cerceia toda a possibilidade de realização pessoal e culpabiliza todas as que não são felizes vivendo somente para os outros.



Betty Friedan e o feminismo liberal

Susana Ramos, 12.º E

Betty Friedan contribuiu para fundar em 1966 a que chegou a ser uma das organizações feministas mais poderosas dos Estados Unidos e, sem dúvida, a máxima representante do feminismo liberal, a National Organization for Women (NOW). O feminismo liberal caracteriza-se por definir a situação das mulheres como uma situação de desigualdade – e não de opressão e exploração – e por postular a reforma do sistema até se conseguir a igualdade dos sexos. As liberais começaram por definir o problema principal das mulheres como sendo a sua exclusão da esfera pública e propugnavam reformas relacionadas com a inclusão das mesmas no mercado laboral, tendo inclusive uma secção destinada a formar e promover as mulheres para ocuparem postos públicos. Mas bem depressa a influência do feminismo radical empurrou as mais jovens para a esquerda. Perante o mal-estar e o medo dos setores mais conservadores, Betty Friedan declara que “No futuro, as pessoas que pensam que a NOW é demasiado ativista terão menos peso que a juventude”. A ameaça do feminismo radical, que convertia a luta política numa “guerra de dormitórios” na opinião de Friedan, acabou por protagonizar as décadas de 60 e 70.

Maria de Lourdes Pintasilgo. Primeira-ministra do V Governo Constitucional

Ana Tavares (professora)

Maria de Lourdes Pintasilgo (Abrantes, 1930 – Lisboa, 2004) foi Primeira-ministra do V Governo Constitucional (julho, 1979 a janeiro, 1980). O General António Ramalho Eanes, então Presidente da República, nomeou-a para ocupar tal cargo, na sequência das crises político-partidárias e parlamentares dos governos anteriores. Ao longo da sua vida, Maria de Lourdes Pintasilgo destacou-se em várias vertentes no espaço público. Desde logo por ter sido, quase sempre, a primeira mulher a desbravar caminhos nos lugares tradicionalmente ocupados maioritariamente por homens. Licenciou-se em Engenharia Químico-Industrial (1953) pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa (entre os 250 alunos do seu curso, apenas 3 eram mulheres.) A sua profunda dimensão religiosa marcou as suas ações e intervenções de cidadania e de cariz sociopolíticas. Em 1957, fundou em Portugal, o movimento internacional Graal. Candidatou-se, como independente, às eleições presidenciais de 1986, sem apoios de partidos políticos. De início, as sondagens revelavam-lhe



boas perspetivas e a sua personalidade demonstrava uma receção bastante positiva por parte do eleitorado. No entanto, viria a perder a corrida presidencial logo à primeira volta. Foi deputada no Parlamento Europeu, (de 1987 a 1989) na qualidade de independente integrada no Grupo Socialista.

A nomeação de Maria de Lourdes Pintasilgo para Primeira-ministra suscitou duas narrativas discursivas dissonantes por parte de dois semanários de referência: O Jornal e o Expresso. Por um lado, a produção textual de O Jornal evidenciou uma extensa aclamação à escolha presidencial, sendo claro o seu posicionamento de satisfação e de bom augúrio relativamente ao conjunto de características pessoais, éticas, religiosas e políticas que Maria de Lourdes Pintasilgo traria para a cena política.

De uma forma visivelmente oposta, a linha de o Expresso reflete uma recensão negativa à escolha e aos intuitos políticos do Presidente da República. O conjunto dos títulos e respetivos textos analíticos induzem uma carga de suspeição e desconfiança política sobre as decisões presidenciais e sobre Maria de Lourdes Pintasilgo.

Uma outra constatação reporta-se ao léxico usado para nomear os cargos políticos ocupados por Maria de Lourdes Pintasilgo. Recordem-se alguns exemplos:

- "entrevista do novo chefe do Governo", O Jornal, 20 de julho, primeira página.
- "Nesse sentido, o próprio Primeiro-Ministro", O Jornal, 20 de julho, p.5.
- "Desde 1975 (...) embaixador de Portugal junto da UNESCO (...) procurador à Câmara Corporativa, (...) e secretário de Estado (...) ministro dos Assuntos Sociais", O Jornal, 20 de julho, p.4.
- "Pintasilgo não tem perfil de um Primeiro-Ministro", Expresso, 21 de julho, p.2.
- "O discurso político do Primeiro-Ministro indigitado," Expresso – revista, 21 de julho, p.3.
- "Pintasilgo é (...) um dos principais conselheiros do general Ramalho Eanes" Expresso – revista, 21 de julho, p.5.



A partir da observação destas formas lexicais, poder-se-á refletir sobre o valor social que a ideologia dominante, plasmada no discurso, facultava à presença feminina no espaço público da política, sobretudo, do lado dos altos cargos do poder governativo e da tomada de decisão. Caso não se soubesse a identidade da pessoa representada neste discurso jornalístico, ficar-se-ia a achar (nos dias de hoje, certamente) que o primeiro-ministro indigitado seria, indubitavelmente, um sujeito masculino.

Curiosa e interessante foi, também, a seguinte observação. De maneira a descrever e apresentar politicamente a figura pública de Maria de Lourdes Pintasilgo, ambos os jornais fizeram uso do mesmo tipo de estratégia: situá-la num determinado espaço ideológico, político e partidário que fosse facilmente identificável para a generalidade da população portuguesa. A referência, potencialmente, mais galvanizadora da atenção do público foi sempre um sujeito masculino: para O Jornal, principalmente, Mário Soares; para o Expresso, de uma forma mais exponencial, Melo Antunes.

A vida é o palco e Amélia Mendonza

Catarina Viegas e Inês Emílio, 9.º B



Amélia Mendoza é uma mulher que se destaca na cidade de Évora e, para nós, ela é um exemplo como pessoa.

Antiga bailarina profissional de ballet, Amélia Mendonza é sinónimo de autenticidade.

No princípio da sua vida adulta, Amélia mudou-se para Paris, onde frequentou não só uma das maiores companhias de ballet clássico, como também dançou na ópera, alcançando assim o papel de substituta da prima ballerina.

No auge da sua carreira, Amélia sofreu uma grande lesão e os médicos disseram-lhe que provavelmente nunca mais iria poder dançar. Após esta trágica notícia, a antiga bailarina profissional veio para Portugal de férias. Durante a sua estada no nosso país ela recebeu um telefonema da companhia onde dançava, pois a prima ballerina lesionara-se e, como Amélia já se encontrava melhor, pediram-lhe que a substituísse. No entanto, não aceitou, acabando por ficar em Portugal, nomeadamente em Reguengos de Monsaraz, na casa da madrinha. Visto que já não poderia voltar a dançar, Amélia, não querendo perder a ligação com o ballet, decidiu começar a ensinar.

Passados alguns anos, Amélia conheceu Joaquim, o seu atual marido. Ao longo do tempo, passou por vários locais do Alentejo, pelo qual se apaixonou devido aos seus ares e paisagens, onde fundou algumas escolas.

No aniversário da escola de dança, Amélia disse: “40 anos se passaram, como o fumo de um cigarro se dissipa rapidamente. Pelo caminho ficaram pliés, degajés,

rond de jambé, que ensinaram a viver tantas crianças. Amizades que não passam e que ficam para sempre.”

Por fim, nós admiramo-la pela sua história de vida, pela sua força de vontade e coragem e porque foi ela que nos transmitiu a paixão pela dança.

Leonor Beleza: uma biografia – Ana Oliveira, Mariana Imaginário, Mariana Carriço, Miguel Borralho, 11.º M – Curso Profissional Técnico Auxiliar de Saúde

Maria Leonor Couceiro Pizarro Beleza de Mendonça Tavares, nascida no Porto a 23 de novembro de 1948, é uma jurista e política portuguesa. Estudou no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, onde recebeu o Prémio Dinis, no ano letivo de 1965/66, atribuído ao aluno com melhores notas. Licenciou-se em direito na Faculdade de Direito da Universidade, onde posteriormente foi professora



assistente. Na mesma faculdade e já depois do 25 de abril de 1974, terá assumido a regência da disciplina de Direito de Família, tendo colaborado na reforma de 1977 do Código Civil Português.

Foi admitida na Ordem dos Advogados Portugueses em 1993. No ano seguinte, pertenceu, como consultora principal, aos quadros do Centro Jurídico da Presidência do Conselho de Ministros até 2005.

Na sua carreira política Leonor Beleza foi membro da SEDES (Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento Económico e Social) desde a sua fundação, no início da década de 70.

Aderiu ao Partido Social Democrata (PSD) logo desde a sua criação, acompanhada pelos seus fundadores Francisco Sá Carneiro e também Marcelo Rebelo de Sousa, atual Presidente da República Portuguesa, com quem Leonor Beleza teve sempre grande afinidade. No PSD exerceu vários cargos de grande relevância política para o país. Integrou três governos, foi Secretária de Estado da Presidência do Conselho de Ministros no governo de Francisco Pinto Balsemão, Secretária de Estado da Segurança Social no governo de Mário Soares e Ministra da Saúde no primeiro e segundo governos de Aníbal Cavaco Silva. No desempenho deste último cargo político surgiram sérios constrangimentos que a levaram a abandonar o cargo de

Ministra da Saúde, na sequência de um grave caso de transfusões de sangue contaminado, que terá provocado inúmeras vítimas de SIDA e Hepatite C. Não sofreu condenação, porque não se provou que tivesse havido homicídio com dolo eventual.

Leonor Beza é atualmente, e desde 2004, Presidente da Fundação Champalimaud, conforme decisão do grande empresário português António Champalimaud, deixada em testamento. Esta fundação destaca-se em vários níveis, tendo instituído, nomeadamente, o “Prémio da Visão António Champalimaud” atribuído a instituições de todo o mundo que se destaquem no combate às doenças que afetem a visão. Este prémio tem sido um contributo importante no tratamento de problemas visuais incapacitantes, sobretudo nos países em desenvolvimento.

O projeto mais recente desta fundação é o “Botton-Champalimaud Pancreatic Centre”, sendo o primeiro centro do mundo que se vai dedicar em simultâneo à investigação e ao tratamento do cancro do pâncreas. O novo centro terá um custo de 50 milhões de euros, tendo sido doado pelos mecenas franceses Maurício Botton Carasso (neto do fundador da empresa alimentar Danone) e Charlotte Botton (mulher daquele), sendo a primeira vez que uma família estrangeira confia a uma instituição filantrópica portuguesa uma responsabilidade desta natureza. A sua abertura está prevista para o ano de 2020.

Para além de outras condecorações, Leonor Beza foi agraciada, em 2017, com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.

“EU NÃO FUI NENHUMA HEROÍNA. EU JÁ SOU DE UMA GERAÇÃO PRIVILEGIADA COMPARADA COM AS QUE ESTIVERAM PARA TRÁS.” – Leonor Beza, abril de 2017.

As “igualdades” de Michelle Obama

Graça Noites, 9.º B



Hoje em dia uma das personalidades femininas mais carismáticas e reconhecidas mundialmente é Michelle Obama. Ela formou-se em Sociologia e concluiu os seus estudos em Harvard, onde estudou Direito.

Michelle Obama participou em manifestações contra a discriminação das minorias étnicas e trabalhou numa empresa de advocacia onde conheceu Barak Obama.

Durante a campanha presidencial do seu marido, ela apoiou-o inteiramente, defendendo o direito das minorias e impulsionando ações contra a violência na infância.

Sendo uma mulher reservada, é acusada de estar "zangada" em muitas das suas aparições. Ela explica que a sua cara séria se deve ao facto de a pressão dos meios

de comunicação social ser muito grande e querer proteger-se a si própria e à sua família.

Enquanto primeira-dama defendia a igualdade de género, que continua a defender hoje em dia, tal como se pode ler na sua recente autobiografia.

O mundo seria muito diferente se todos cumprissem uma ideia forte dita por Michelle Obama: “Os homens, em todos os países, têm que olhar para os seus corações e almas e perguntarem-se a si mesmos se, realmente, olham para as mulheres e as tratam com igualdade”.

O amor e o respeito entre o homem e a mulher são fundamentais para que não haja a violência a que assistimos todos os dias e, especialmente, a morte de tantas mulheres. Na minha opinião, se todas nós, mulheres, tivermos direito à educação e formos ensinadas a não nos deixarmos maltratar, vamo-nos tornar mais fortes face à atitude dos homens.

Rosa Parks: como um simples ato pode mudar a História

– Filipa Judas e Joana Sarkar, 9.º B

Rosa Parks nasceu em 1913 no estado do Alabama, nos Estados Unidos e morreu em 2005 (com 92 anos) no Estado de Michigan. Esta mulher foi uma costureira, mas onde ela marcou a diferença foi no seu papel de ativista do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos.



No dia 1 de dezembro de 1955, Rosa Parks recusou ceder o seu lugar no autocarro a um branco, pois a lei referia que quando o veículo estivesse lotado as pessoas negras teriam de se levantar. Nesse autocarro havia quatro lugares para as pessoas negras se sentarem e, quando nesse dia o autocarro ficou lotado, três pessoas negras levantaram-se para ceder o seu lugar, mas Rosa Parks manteve-se sentada.

Devido a esta atitude, esta mulher foi presa e perdeu o seu emprego. Isto marcou o início da luta antissegregacionista nos EUA, tendo levado os negros da cidade a recusar também dar o seu lugar nos transportes públicos a pessoas de raça branca como forma de protesto.

Rosa Parks é uma mulher que nos inspira, pois arriscou a sua vida, perdeu o seu emprego, colocando-se mesmo em perigo para defender a luta contra o racismo. Para além de ser mulher, ela era negra, ou seja, era desvalorizada duplamente e teve coragem para fazer algo que ficou marcado na História. O comportamento destemido desta mulher pode parecer insignificante hoje em dia, mas talvez se ela não tivesse cometido esse ato “insignificante” a lei estadual existente tivesse permanecido durante mais tempo racista e injusta.

Rosa Parks teve um gesto simples, mas que provocou grandes alterações na sociedade.



PARTE IV

Mulheres da minha vida

A que marca para a vida... – Madalena Marmeleira, 10.º G

Ao princípio, devo dizer que quando descobri a pessoa que realmente me marcava, fiquei verdadeiramente surpreendida, pois sempre estive à minha frente e eu nunca me tinha apercebido.

Normalmente, quando pensamos naquela pessoa ideal, que nos marca para toda a vida, pensamos em alguém que foi digna de aparecer em contos, em livros ou mesmo uma pessoa famosa que marcou a sociedade durante gerações. Inicialmente, pensei que ia ser assim comigo, porém apercebi-me que, às vezes, são aquelas coisas que parecem pequenas que nos fazem ser grandes.

Esta pessoa que me marca para o resto da vida não aparece em contos nem em livros famosos, mas aparece na minha vida desde que nasci e torna-a fantástica; não é uma pessoa famosa, todavia sou fã incondicional dela; não marca a sociedade, não obstante marca a minha vida, uma vez que é a pessoa que mais me ama em todo o mundo e sempre assim será. Esta pessoa é o meu maior porto de abrigo e é a força da qual eu sempre irei precisar. É a minha mãe é só nesta palavra digo tudo aquilo que disse anteriormente.

L'Eclair – René Magritte (1944)



Cinco mulheres na minha vida – Raquel Barreto (mãe)

A minha vida tem sido recheada de mulheres que me foram muito importantes. Falarei de 5 que muito contribuíram para estabelecer os meus valores e o que sou. A minha bisavó que viveu comigo muitos e felizes anos da minha infância. Mostrou-me como podíamos levar para a frente o que quiséssemos, mesmo que fôssemos de condição mais humilde. Foi a primeira pessoa da minha família a pedir o divórcio na Igreja Católica, foi também das primeiras em Portugal. No quarto dela havia um pequeno sofá à janela. Nesse pequeno sofá passou a última fase da sua vida, sentada a olhar pela janela e a imaginar as histórias que podiam passar-se lá em baixo na rua. Era nesse sofá que tudo acontecia: os nossos momentos de histórias, histórias sofridas na primeira pessoa, e outras histórias de encantar sempre com uma mensagem forte de superação da mulher. Foi a pessoa que me mostrou, pela primeira vez, que uma mulher não deve ser submissa perante um homem. A ela estou grata por essa lição.

A minha avó, que também viveu comigo ensinou-me a ser cuidadora. Era ela quem cuidava de todos lá em casa. Mãe de 8 filhos, nasceu para cuidar deles, depois dos netos e, ainda, da mãe. Curiosamente sempre esperei dela uma maior compreensão, mais do que o conhecimento dela permitia, e hoje percebo as grandes lições que me transmitiu. Com ela aprendi a aceitar que as pessoas e a vida são o que são. A sua humildade era tremenda. Lembro-me de um dia estar a falar com ela e ela pedir desculpa por não saber falar coisas importantes e não conseguir acompanhar-me, e se houve pessoa que me conseguiu acompanhar até eu sair de casa foi ela. Ela esteve sempre lá para mim. A ela devo um pouco de quem sou também.

Duas foram as mulheres que não pertenciam à minha família e que influenciaram a minha vida de uma forma rica e amorosa. A Lili era a secretária do meu avô paterno (que nunca conheci a não ser das histórias da Lili e do meu pai), quando viemos de Moçambique ela também veio. Era uma mulher elegante, fina mesmo, fina como só se via nos filmes. Tive a sorte de ter duas pessoas na minha vida assim. A Lili morreu quando eu era pequena, dela ficou a lembrança de me ensinar a andar. Mas não era um andar qualquer, era um andar de uma menina fina. Quando somos pequenos não queremos saber disso para nada, mas sem eu perceber ela mostrou-me o quanto a nossa postura é importante para sabermos quem somos, de onde vimos e como somos importantes. Cabeça erguida, pés alinhados e andar elegante contribuiu para a minha autoestima e autoconfiança. A Astrid foi uma segunda mãe para mim durante pouco tempo, porque tive a infelicidade de a perder num acidente de automóvel. A Astrid ensinou-me a ser livre dos preconceitos do que era o visual de

uma mulher. Sempre que oiço o António Variações lembro-me dela. Dela me ficaram algumas das minhas melhores recordações de infância e dela me ficou o desejo de ser compreendida e livre dos preconceitos da sociedade.

A minha mãe, uma mulher forte e inteligente. Gosto de pensar que herdei essas características dela. Sempre foi uma pessoa que colocou tudo em causa, mas essa característica apenas servia para encontrar a resposta. Uma pessoa que nunca se conformou pela generalidade da discussão de um tema, mas sim com o debate do conhecimento a ele associado. Nada do que é um tema é discutido sem procurar respostas, e a beleza da busca herdei-a dela: perceber que existe sempre uma solução e existe sempre um conhecimento novo a adquirir. A ela devo a minha resiliência e o estímulo de saber.

Muitas foram as mulheres da minha vida, mesmo muitas, e a todas estou profundamente grata. Estas mulheres, todas elas sem exceção, ensinaram-me a respeitar quem eu sou: uma mulher para além de um género.



Mulher e crianças –
Portinari (1940)

Avó Jesus – João Ferreira, 9.º B



O nome da minha bisavó era Maria de Jesus Alcântara Mota Ferreira. Nasceu a 10 de janeiro de 1910 e faleceu a 1 de fevereiro de 1996.

Foi professora primária de uma pequena freguesia do conselho de Maфра, Gradil, e Presidente da Junta de Freguesia. Do trabalho desenvolvido como autarca, podemos dizer que a freguesia do

Gradil foi a primeira das 16 freguesias do conselho de Maфра a ter saneamento básico na altura.

Mas não é somente do serviço público que pretendo contar na história da minha bisavó. Ela ficou viúva aos 27 anos e com um filho de 2 anos. Apesar de Gradil ser a 30km de Lisboa, naquela altura, era «muito longe», longe dos grandes centros e longe do ensino escolar, para além da escola primária que havia na freguesia. Assim, a minha bisavó ficou viúva muito nova e com o único filho a estudar em instituições de ensino distantes da sua casa quando o meu avô fez 10 anos, pois ele foi para o Colégio Militar em Lisboa e depois tirou o curso de Medicina em Coimbra. Assim sendo, e até pelo apelo à causa comum, a minha bisavó dispôs-se a adotar e educar crianças. Foi assim que a 1 de julho de 1948, nascida pela vontade e pelo empenho de uma mulher confrontada com a dura realidade que se vivia na época, nasceu a “Casa Mãe do Gradil”, numa pequena casa emprestada para o efeito.

A minha bisavó iniciou desta forma a obra com três meninas da própria freguesia, que viviam em condições precárias. A sua dedicação a esta obra era tanta que a casa foi crescendo e acolhendo muitas crianças, nomeadamente de países africanos de língua portuguesa, do continente e até das ilhas. As crianças, somente do sexo feminino, ficavam na “Casa” até ao 18 anos e com a escolaridade obrigatória feita, ou seja, ficavam aptas para trabalhar.

Muitas pessoas passaram por aquela casa. Quando faleceu, a minha bisavó tinha “a cargo” 52 crianças, ajudadas por benfeitores que contribuía com alimentos,

roupa e com o que podiam dar. “A Casa Mãe do Gradil” foi crescendo em número de “Florinhas do Gradil” - nome criado carinhosamente pela minha bisavó para as meninas.

Como curiosidade e demonstração do Amor que a minha bisavó tinha pela Casa-Mãe, digo que o meu avô ainda me conta que a minha bisavó nunca passava a consoada de Natal com a sua família e dizia ao seu filho: “Tu tens a restante família, mas as meninas só me têm a mim”.

Ainda hoje a instituição existe, num espaço maior, com o nome de “Centro Social Paroquial de São Silvestre do Gradil”. Hoje é uma instituição particular de solidariedade social (IPSS), que mantém o espírito de bondade e serviço ao próximo que era apanágio da minha bisavó.

A minha bisavó foi condecorada com o grau de Comendadora pelo Estado Português.

A minha avó – Beatriz Calvino, 10.º D



A minha avó chama-se Maria Alcídia Alves Clímaco e tem sessenta anos de idade. Fisicamente é uma mulher de estatura baixa e magra. A sua cara aparenta os seus anos, uma vez que tem rugas em redor dos seus olhos castanhos e na testa. O seu cabelo é branco acinzentado e curto.

Psicologicamente a minha avó é simples, de bom trato, meiga e afável. Muito do seu tempo é dedicado à família. Ela organiza almoços de família no fim de semana, gosta de receber visitas, pede-me para ir a sua casa e jantar lá. Outras vezes, ela vai para a minha e fica com o meu irmão até a minha mãe chegar do trabalho.

Ela é muito sensível e compreensiva. Nas alturas mais difíceis da minha vida, ela é a minha confidente.

É um exemplo de vida, pois mostra-se sempre feliz, determinada e corajosa.

Sem ela a minha vida seria muito difícil e ter diariamente as suas palavras e os seus carinhos é fundamental para o meu equilíbrio e o meu crescimento.

A minha mãe – Margarida Almeida, 9.º C



Definir o que é uma mulher é um trabalho muito difícil, porque ela hoje tem muitas funções, as quais tenta realizar sempre bem.

A mulher mais importante para mim é a minha mãe e tenho muito orgulho em ser sua filha. Se eu sou forte, destemida e independente devo-o à minha mãe, pois ela foi um grande exemplo e uma grande mulher. Ela ensinou-me tudo o que sei e tudo aquilo de que precisei para me vir a tornar uma grande mulher como ela: uma mãe está sempre disposta a ajudar um filho ou uma filha.

Para além da minha mãe, também a vida, claro, me tem dado ensinamentos com as rasteiras que me tem feito. Mas penso que poderei ser tudo o que quiser e isso deve-se à minha mãe, que é a minha inspiração e que me deu razões para eu continuar a ser assim como sou, sem desistir de nada.

É um privilégio ser mulher, pois todas elas são muito fortes e corajosas e nesse sentido eu julgo-me igualmente forte para poder realizar os meus sonhos com a mesma fortaleza.

A mulher da minha vida I – Marta Rosa, 10.º D

Quando eu nasci, ela já cá estava há três anos. E até hoje esteve lá sempre. Por vezes, perguntam-nos se somos gémeas, devido às nossas parecenças físicas. Contudo, somos pessoas bem diferentes: uma introvertida, outra extrovertida; uma calma e silenciosa, outra alegre e faladora;... Mas não deixamos de ser pessoas próximas, apesar de tudo.

A primeira vez que tive aquele sentimento tão português, que é a saudade, foi quando me apercebi de que não viveríamos mais na mesma casa, pelo menos não durante um ano seguido. Nessa noite chorei. E não me importo de o admitir: ela era (e é) a pessoa mais importante para mim. A sua ausência abalou-me, deixando-me um tanto perdida.

Contudo, a distância que nos separa é apenas física, pois continuamos a ser pessoas bastante próximas, ela continua a ser a minha confidente e melhor amiga. Esta é a mulher da minha vida: a minha irmã.



As duas Fridas – Frida Kahlo (1939)

A mulher da minha vida II – Inês Gancho, 10.º D

Ela carregou-me durante 9 meses. Sim, estou a falar da minha Mãe, a mulher da minha vida. O amor que ela sente por mim é incondicional, maior que todo o Amor existente neste mundo.

A mulher da minha vida tem tantos defeitos como qualidades. Para ela, não há esforços a serem medidos na hora de estar presente para quem quer que seja. Tem um coração do tamanho do mundo, tornando-se numa mulher que não foge aos desafios da vida, tentando sempre ultrapassá-los. É uma mulher dedicada e empenhada.

Ela é uma mulher com garra que faz de mim uma filha sortuda, alertando-me para tudo o que se passa à minha volta e transmitindo-me todos os valores da vida, do amor, da justiça, da amizade... Se estou doente, ela também fica; se estou contente, ela também está; se estou triste, ela faz de tudo para eu ficar contente; se faço asneiras, chateia-se comigo, mas passado pouco tempo está lá para me aconselhar, alertar, abraçar... Basta eu chamar «Mãe» que ela vem logo.

No entanto, tenho dias em que estou cansada da mãe que tenho, que muitas vezes não me deixa fazer o que quero e faz com que nos brigemos. Sei que um dia vou compreender estas suas atitudes comigo, mas para já é enigmático.

Por mais tempo que passe e a vida mude, vou ter sempre orgulho em ter uma mulher assim na minha vida. Mesmo que nem sempre pareça, eu aprecio muito todas as suas qualidades.

Agora já começo a perceber que ser mãe é a “profissão” mais difícil do mundo.



A mulher da minha vida III – Guilherme Gusmão 10.º D

Durante a nossa vida conhecemos e convivemos com muitas mulheres, sejam tias, avós, amigas ou namoradas. Mas, na minha opinião, a figura feminina mais marcante é, sem dúvida, a nossa mãe.

A minha mãe foi capaz de me amar mesmo antes de eu nascer e deu-me todo o seu amor sem pedir nada em troca. Sempre fez tudo para que nunca me faltasse nada, passou noites sem dormir, brincou comigo e deu-me atenção mesmo depois de um dia de trabalho cansativo, comprou brinquedos para que pudesse andar entretido, leu-me diariamente uma história antes de ir dormir... e a lista poderia continuar infinitamente...

Quando entrei para a escola todos os dias se preocupava em perguntar como me tinha corrido o dia, como tinham sido as aulas, o que tinha almoçado... Quando chegava a casa sabia que, apesar de a ver tão atarefada, podia sempre contar com a sua ajuda para resolver alguma dúvida que tivesse.

Mais tarde comecei a sair com os meus amigos e, como sempre, preocupada queria sempre saber com quem eu ia e onde ia estar.

E sei que muitas mais coisas estão por vir e a sua preocupação e amor nunca irão desaparecer.

Fiz, faço e farei absolutamente tudo para não a ver entristecida, mas, ainda assim, sinto que faço tão pouco relativamente do que ela merece... Sinto medo de lhe causar sofrimento e, por isso, o maior medo da minha vida, é fazê-la – por mim – chorar.

“Queria pedir perdão, por todo o mal que já lhe causei, pelas noites em que não dormiu, outras tantas em que nem comeu, pelos dias em que não me viu e, por tudo, que – por mim – já sofreu. Queria que me perdoasse por tanta coisa, mas sei que serão pedidos em vão, pois o coração de mãe é naturalmente, a fonte de todo perdão.” (<http://www.radiodafamilia.com.br/mensagens/19746/radio-online>)



Mães: as mulheres das nossas vidas

Alunos das turmas 7.º A e 7.º B



A minha mãe é a mulher da minha vida, pois ela tem influenciado muito a minha vida. Foi ela que me fez a surpresa de me dar o meu gato de presente. É ela que me ajuda a recompor nos momentos em que me sinto menos bem, me ensina a estudar e me incentiva sempre a alcançar o que desejo. A minha mãe é muito especial para mim e espero que viva muitos anos, pois sem ela não seria quem sou. (Afonso Franco)

A mulher mais importante da minha vida é a minha mãe. Ela cuida de mim desde que eu nasci. Se eu estou doente, ela está lá para me ajudar. Em ela aprendi muitas coisas e ainda continuo a aprender. (Afonso Leandro)

Uma das mulheres da minha vida é a minha mãe; porque ela ajudou-me em muitas coisas ao longo da minha vida, como a perceber o que é certo e o que é errado. Mas eu continuo às vezes a fazer coisas erradas. E é por isso que eu nem sei como é que a minha mãe me atura. Mas é por isso que eu digo: muito obrigado, Mãe! (Afonso Mira)

A mulher da minha vida é a minha mãe. É ela que tem cuidado de mim sempre que estou doente. É ela que tira férias para ficar comigo nas férias escolares. É com ela que vejo filmes e converso sobre todas as coisas, sempre que estamos sozinhos. (Alexandre Rosado)

A mulher da minha vida é a minha mãe: ensinou-me a andar, a comer, a falar e a pensar. Tratou de mim sempre que estive doente, ajuda-me quando preciso. Gosto muito dela e nunca vou conseguir retribuir o que ela fez por mim. (Diogo Godinho)

A mulher da minha vida educou-me, ensinou-me várias coisas, ajudou-me a estudar, deu-me sempre esperança quando eu tive dificuldades: ela é a minha mãe, a melhor mãe do mundo. (Francisco Rosado)

A mulher da minha vida é a minha mãe, não só porque sem ela não estava aqui (verdade inquestionável!), mas também porque foi ela que me deu educação – mesmo quando eu pensava que ela estava a ser má, afinal ela estava a ajudar-me a crescer. E graças a ela tornei-me a pessoa que sou hoje. (Gonçalo Galandim)

A mulher da minha vida é a minha mãe. Tem um nome muito bonito: Deolinda. E eu gosto muito dela. Ela ensinou-me, educou-me e ajudou-me sempre. O meu pai também me ajudou em muita coisa, mas ele trabalhava fora e só vinha ao fim de semana, e a minha mãe tinha de cuidar de mim e do meu irmão. A minha mãe faz tudo para eu ser feliz e eu também quero que ela seja feliz. Em todos os momentos da minha vida ela apoiou-me e nunca me deixou ir abaixo. E se algum dia ela precisar de mim eu vou ajudá-la, pois sou muito grata por tudo o que ela fez e faz. Eu só quero que ela seja feliz! (Helena Almeida)

Foi a minha mãe quem me ensinou a falar e a andar, foi a minha mãe quem me ajudou a estudar sempre que precisei. Sempre que eu tinha medo, ela estava lá para me dar a mão e me deixar segura. Foi ela quem esteve comigo durante os quatro anos em que eu estive internada, é ela que trata de mim quando estou doente. Foi ela que ralhou comigo e me repreendeu sempre que necessário, foi ela que me fez voltar a ficar alegre quando estava triste e foi ela quem me tornou no que eu hoje sou. Ela é a melhor mãe do mundo e, sempre que ela precisar de mim, eu vou estar lá para ela, tal como ela sempre fez comigo. Definitivamente, a minha mãe é a pessoa que mais amo no mundo. (Lara Chegadinho)

A minha mãe levanta-se cedo todas as manhãs para ir trabalhar e chega a casa tarde. Sem ela, não sei o que seria de mim, pois quando estou triste é ela que em anima, me levanta a autoestima e me faz ver sempre o lado positivo das coisas. É ela que me enche de amor e ternura. Com ela aprendi muitas coisas, que não poderia ter aprendido com mais ninguém: ser bondosa, ajudar os outros, saber ouvir os outros e saber pensar por mim. Cada palavra e cada frase que ela diz são cada vez mais importantes para o meu percurso na vida. A minha mãe é a mulher mais importante da minha vida. (Matilde Viegas)

A minha mãe ajudou-me sempre e ainda me ajuda a comportar-me bem e a ser cada dia melhor. Ela incentiva-me a estudar e quando tenho boas notas ela fica muito feliz. (Miguel Setoca)

A minha mãe é uma pessoa muito especial. É divertida e faz-me rir sempre que estou triste, ajuda-me sempre que preciso. Ela já passou por situações muito difíceis com a minha família, mas nunca deixou de ser a mesma pessoa: uma grande mulher e, sobretudo, uma grande mãe, alegre, divertida e carinhosa. (Miguel Silva)

Agradeço de braços abertos à minha mãe por estar sempre lá para mim, quando preciso. Eu também quero estar sempre presente quando ela precisar de mim. Ajudamo-nos mutuamente e não há nada que nos separe. Eu adoro-a e sei que ela me adora. (Pedro Freire)

A minha mãe é uma guerreira. Ela é a mulher da minha vida. Lutadora, batalhou para me dar educação e me criar com tudo o que eu preciso, apesar das dificuldades todas que teve quando passámos a ser só os dois, ela e eu. Agora já podemos os dois olhar para o futuro e sorrir! (Simão Pereira)

A minha irmã – Madalena Avó, 7.º A

Uma das mulheres que tem mais importância na minha vida é a minha irmã, que tem mais seis anos do que eu. Apesar de estarmos sempre a discutir, eu gosto muito dela. Não imagino como seria se algo lhe acontecesse, pois sempre me apoiou. Brincou comigo quando eu era mais pequena, mas depois fomos crescendo e, quando eu queria estar com ela a brincar e a fazer coisas de criança, ela já não queria e eu pensava que ela já não gostava de mim.

Mas não. Ela apenas estava a crescer e a perder o interesse por brincar e já não tinha paciência para me aturar. Desde aí passamos a vida a discutir. Mas ela tem sempre muita importância para mim.

Este é o retrato da minha irmã Mariana.



A minha irmã – Salvador Dalí

AMIGÁVEL
CALMA
EXTROVERTIDA
SIMPÁTICA
ALEGRE
INTELIGENTE
ESPECIAL

Luísa Santos, uma grande mulher – Rafaela Tendeiro, 7.º I

Luísa Santos é mãe de duas filhas, eu e a minha irmã Luciana.

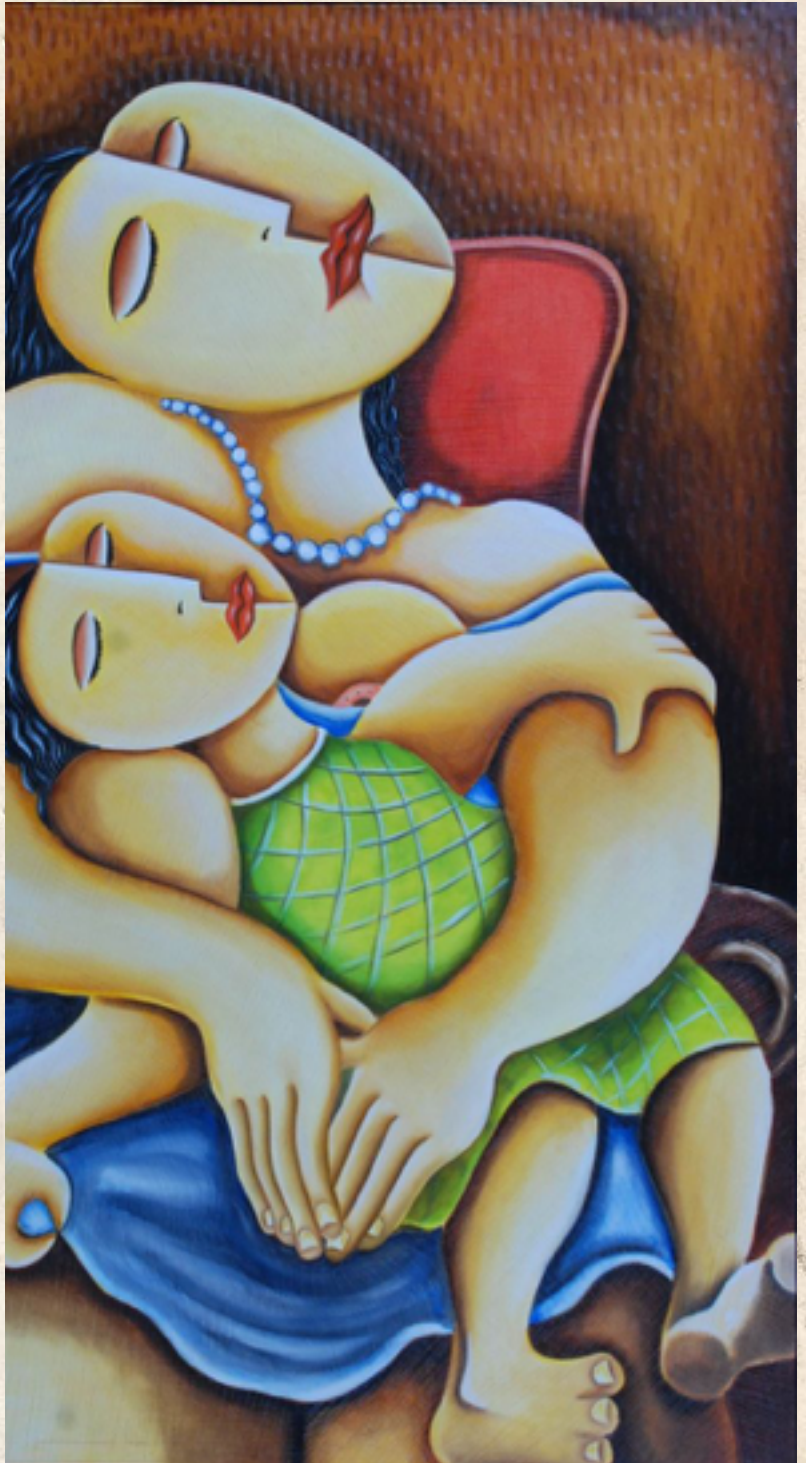
Ela é «fixe», divertida, sempre alegre, cheia de trabalho e de vida. Às vezes chateia-se comigo, mas é porque só quer o meu bem e, apesar de tudo, eu adoro-a. Acho que eu e a minha irmã lhe damos algum trabalho, mas ela nunca se queixa.

Para mim é a pessoa mais importante. Quando estou triste, ela alegra-me, quando estou a estudar, ajuda-me e quando me porto mal, ralha ou mete-me de castigo.

Cuida de tudo e de todos, e ainda consegue ser executante de clarinete nas poucas horas do dia que lhe restam.

Os valores que mais preza e que nos tenta transmitir são: ajudar e respeitar o próximo, dialogar, igualdade de direitos, adquirirmos cultura através do estudo, de autoconhecimento e de experiências vividas.

Eu escrevo, porque é uma pessoa importante para mim e uma grande mulher.



As mulheres da minha vida I, Maria José Silvestre (professora)

Este exercício não é fácil. Propus aos alunos escreverem sobre a mulher ou as mulheres das suas vidas e aceitei o desafio de os acompanhar na tarefa. Assim, aqui estou, olhando para dentro de mim e procurando no que sou os traços, as matizes ou as nuances de todas as grandes mulheres que deixaram em mim qualquer coisa de seu.

Este é, pois, um exercício que simultaneamente me desnuda (porque ao revelar-me me dispo de preconceitos) e me desmascara (pois ao procurar os outros em mim me revelo a mim própria).

Perto, bem perto, vejo em mim traços da grande mulher que é a minha mãe: o valor do trabalho, a resiliência, o humanismo e a vontade constante de ajudar o próximo, o optimismo – valores que a definem – são-me devolvidos neste olhar introspetivo. Um pouco mais distante (e já materialmente ausente) reparo que a minha avó paterna me marcou profundamente: na curiosidade intelectual, na defesa dos mais fracos, na grandeza do amor incondicional de avó. Sim, quero ser uma avó como ela foi! Em torno de mim encontro outras, tantas outras mulheres que me foram ensinando aos poucos – e cada uma ao seu jeito e à sua maneira – a arte de viver. Refiro-me às professoras que tive e me serviram de exemplo (a professora Ivone Niza é uma delas), às amigas que me têm escutado, aconselhado, ajudado e com as quais tenho partilhado bons momentos. Refiro-me ainda às colegas especiais com quem tenho partilhado experiências profissionais e pessoais inolvidáveis e marcantes.

Por fim, reparo numa futura mulher que se abeira de mim com rosto e olhos cor-de-mar-em-dia-de-sol e cabelos doirados: a minha neta Joana que, tal como o seu irmão Miguel, me tem ensinado a ser avó. Com ela reaprendi o prazer de brincar e



redescobri a grandeza dos pequenos gestos que dão valor à nossa existência: aquele abraquinho especial, aquela confiança sussurrada (“Gosto muito de ti!”), aquela cumplicidade que apenas pode existir numa relação tão especial como esta. Enche-se-me o coração de afeto ao olhar para as que estão e ao recordar as que estiveram (mas permanecem) na minha vida: obrigada!

As mulheres da minha vida II – Catarina Chaveiro, 7.º A

A minha mãe é a mulher mais importante para mim, porque ela ensina-me, dá-me educação e amor, repreende-me quando necessário e, quando preciso de alguma coisa, ela está sempre lá para mim. É a minha melhor amiga! Não a quero perder nunca!

As minhas avós são também muito importantes na minha vida, pois dão imenso amor e carinho. Gosto imenso delas! E gosto muito do arroz que as minhas avós fazem. Arroz é o meu acompanhamento preferido e até costumo dizer à minha avó materna que adoro o arroz que ela cozinha – até mais do que o arroz da minha mãe. E ela, sorrindo, costuma dizer:

– Pois claro, fui eu que ensinei a tua mãe a fazer o arroz!

As raparigas com quem eu me dou melhor são a Matilde, a Rita, a Diana, a Mafalda e a Inês. A elas eu posso chamar amigas.

A Matilde é a minha amiga que me conhece há mais tempo, a que me atura há mais anos. A Rita e a Diana são as amigas a quem eu conto (quase) tudo, tenho mesmo muita confiança nelas, e penso que essa confiança é recíproca. A Mafalda é a minha “artista”. Eu gosto muito dela, apesar de termos gostos muito diferentes – coisa que não importa na nossa grande amizade. A Inês e eu temos gostos muito próximos, penso mes-

mo que nunca encontrei ninguém tão parecido comigo, podemos ser consideradas almas gémeas. Obrigada por tudo, amigas, sei que posso contar sempre convosco para tudo!



Duas mulheres correndo na praia – Picasso

As mulheres da minha vida III – Inês Pombo, 7.º A



Menina em frente ao espelho, Pablo Picasso (1932)

Ivone é o nome da minha avó paterna. Ela é a melhor avó do mundo, cuida de mim de uma maneira especial. A minha avó, que é uma excelente cozinheira, ensinou-me a cozinhar alguns dos meus pratos favoritos. E ajudou-me a estudar para os testes sempre que precisei. Quando eu me queixo de ser baixinha, ela diz-me que isso não importa, que o importante é o que a pessoa realmente é por dentro. A minha avó é uma lutadora, pois cuida do meu avô como ninguém. E ainda tem tempo para brincar comigo e eu nunca me vou esquecer disso. Ela é uma doçura de pessoa.

A minha mãe chama-se Clara e é, sem dúvida, a melhor mãe do mundo! É ela que acorda com carinho. Às vezes ralha comigo, mas é sempre para me ajudar a ser melhor. Quando estou triste, sabe sempre animar-me. Conhece os meus gostos, faz-me as vontades e ajuda-me a ser feliz. Com ela aprendi a fazer resumos e a estudar para os testes. Tem sempre tempo para me apoiar e ajuda-me a distinguir o certo do errado. Obrigada por tudo!

As mulheres da minha vida IV – Mafalda Camoesas, 7.º A

São várias as mulheres da minha vida. Começo por referir duas: a minha mãe e a minha avó.

A minha mãe tem uma grande influência na minha vida, pois ela ajuda-me no que for preciso e dá-me os conselhos necessários para eu continuar a seguir em frente.

A minha avó materna pode ser uma pessoa de idade que foi perdendo algumas coisas do passado e passou por algumas dificuldades ao longo da sua vida, mas continua a ser forte e a ser otimista. Nós vemos-nos poucas vezes, pois não vivemos na mesma cidade, mas de cada vez que me vê começa logo a sorrir.

As minhas amigas também são pessoas importantes na minha vida.

A Matilde é uma grande amiga e ambas temos muito em comum. Gostamos das mesmas coisas, até das mesmas músicas. Ela ensinou-me a gostar de ler Harry Potter e a ser mais confiante em mim mesma.

A Rita é muito simpática e damo-nos muito bem. Ambas adoramos desenhar e, aos poucos, tento ensinar-lhe algumas técnicas de desenho.

A Catarina é uma rapariga muito engraçada. Ela faz-me sempre rir, a sua alegria contagia todos.

Tenho uma outra amiga, também chamada Catarina, que anda noutra escola. Mas isso não significa que não falemos. Aliás, falamos quase todos os dias. Também temos gostos muito parecidos. Ela também gosta de ler Harry Potter e, por isso, ela pode ajudar-me a perceber algumas coisas. Eu também a ensinei a gostar de outras coisas de que eu gosto.

Não me posso esquecer de referir a Madalena, uma colega da escola, mas de outra turma, que me ensinou a ser paciente.

Afinal, a amizade é isto: é dar e receber.



As Meninas – Diego Velásquez

As mulheres da minha vida V – Matilde Simão, 7.º A

Chama-se Maria de Jesus e é uma boa mãe. Sempre me apoiou em tudo e me levantou a moral quando falhei. Faz uns bolos espetaculares e está sempre a fazer experiências. Está sempre a preocupar-se comigo e com a minha irmã, adora saber o que acontece na escola e é uma mãe protetora. Não gosto quando ela se zanga comigo, se eu não fiz nada de mal ou julga as pessoas pelo seu aspeto e sem as conhecer bem.

A minha irmã também me marcou. Eu sei que ela me adora, apesar de não o mostrar muito. É muito trabalhadora e não gosta de sair da sua rotina (a não ser que seja para dormir). Vive em Lisboa e está a estudar numa universidade exigente, por isso está sempre a estudar e a fazer trabalhos. Houve uma vez que eu, sem querer, lhe atirei o computador para o chão com o trabalho que valia quinze por cento da nota de uma disciplina e ela gritou comigo até ficar rouca. No final, felizmente, o computador estava bem. Apesar de não estarmos muito tempo juntas, ela inspira-me a fazer sempre melhor.

Às vezes sinto a pressão de ser filha da minha mãe e irmã da minha irmã. Por vezes parece que os meus pais ficam decepcionados quando não chego ao nível da minha irmã. Também os colegas dela estão sempre a comparar-nos.

Mas eu faço o meu melhor. E adoro-as!



Rosa e azul – Renoir

As mulheres da minha vida VI – Matilde Cravosa, 7.º B

São três as mulheres da minha vida: a minha mãe, a minha madrinha e a minha avó.

A minha mãe é um ser humano espetacular, pois nunca me deixa ficar mal, apesar dos problemas que temos de aguentar todos os dias. São o amor e a ternura que ela me dá eu não seria quem sou. A minha mãe é uma supermulher, como costume dizer, pois ela sabe dar-me carinho e ao mesmo tempo ajudar-me, sorrir, mesmo quando está mal, ver o lado positivo das coisas, mesmo quando faço algo errado, cozinha e trabalha para que eu tenha uma vida boa.

Tirarem-me a minha mãe é tirarem-me um pouco de mim.

A minha madrinha, que é a pessoa mais rabugenta que já conheci (e compreendo que seja para o meu bem), é, ao mesmo tempo, a melhor madrinha do mundo.

A minha avó, que é a minha segunda mãe, está sempre preocupada comigo: pergunta sempre se como bem, se durmo bem e se sou feliz. Ela ajuda a minha mãe sempre que pode e como pode.

Estas são as mulheres que mais amo no mundo.

Berthe Morisot (1841-1895)



As mulheres da minha vida VII – Rita Costa, 12.º F



Parau api, (Duas Mulheres do Tahiti) - Paul Gauguin (1892)

Como Antoine de Saint-Exupéry tão sabiamente disse, “Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”. As duas mulheres que gostaria de homenagear no âmbito deste projeto da escola, para o Dia da Mulher, 8 de Março, ensinaram-me essa mesma lição.

O Dia da Mulher existe porque há necessidade que assim seja, e ainda bem que existe um dia em que podemos refletir sobre as grandes mulheres que marcaram as nossas vidas. Claro que o Dia da Mulher deveria ser todos os dias, assim como o dia do amor, porque são valores que queremos que estejam presentes no nosso quotidiano.

As duas grandes mulheres da minha vida, a minha mãe e a minha irmã, ensinaram-me desde nova que a minha existência como rapariga e, mais tarde como mulher, trazia consigo um fardo de responsabilidades e preocupações, algumas delas que já não fazem sentido no século XXI. Mas o facto de não lhes encontrarmos sentido não significa que não sejam reais como, por exemplo, ainda existirem diferenças salariais dependentes do género ou as mulheres continuarem a ser olhadas como

peessoas inferiores e de menor inteligência. É triste não podermos andar na rua sozinhas, sem termos medo do que possa acontecer, simplesmente porque continuamos a ser vistas como desprotegidas, como alguém que pode ouvir tudo e que tem de aceitar, e por vezes este machismo não parte só dos homens, mas também de muitas mulheres. Por vezes, fala-se que estamos cada vez mais perto da igualdade entre mulheres e homens e existe até quem defenda que não há desigualdade, mas como se pode dizer que não existe desigualdade de género quando a violência doméstica ainda está tão presente nos dias de hoje e já morreram mais de dez mulheres, vítimas de agressão por parte dos seus maridos e companheiros, em 2019? Todos estes motivos são suficientes para neste dia mostrarmos a nossa admiração pelos nossos modelos femininos.

Assim sendo, tenho a agradecer à minha mãe pelo carinho, pelo trabalho e dedicação, pelas noites sem dormir e pelo conceito de família que nos transmitiu. Por me ter ensinado a levantar a cabeça e a não ter medo, por me ter incentivado sempre a ser uma melhor versão de mim própria e por ter estado sempre tão disponível. Ensinou-me que a palavra “casa” não se refere apenas a um local físico, mas também às pessoas com quem construímos memórias de uma vida.

À outra mulher da minha vida, que me mostrou a amizade e a cumplicidade, e que foi a minha primeira e melhor amiga. Tenho que te agradecer por me mostrares que o trabalho e a persistência nos levam aos nossos objetivos. Ter irmãos é uma bênção, especialmente por isso, significar ter um companheiro para crescer. Quem não tem irmãos é triste e não sabe.

Sem as duas mulheres fantásticas que sempre tive na minha vida, nunca seria a pessoa que sou hoje e por isso só tenho a agradecer-vos. Obrigada por terem deixado tanto de vocês em mim.

As mulheres da minha vida VIII – Rita Pires, 7.º A



Moça com brinco de pérola – Joahannes Vermeer (1665)

A minha mãe é uma das melhores pessoas da minha vida. Gosta de ler, de dormir e estar ao ar livre. Tem sempre tempo para estar comigo, para brincarmos, para me ajudar a estudar, para conversarmos e para passearmos. Mas também tem os seus defeitos. Quando teima numa coisa, não muda de ideias, é um bocadinho teimosa (acho que saí a ela!). E não gosta de injustiças. Levanta-me quando caio e sempre me apoiou e me incentivou a seguir os meus sonhos.

A minha avó materna também tem um grande impacto em mim. É ela que alinha sempre nos jogos de futebol, que faz aquela salada de frutas deliciosa quando está em casa e, apesar das dores nos joelhos, está sempre pronta para nos ir ver, a mim e aos meus primos, a atuarmos. Foi ela que me deu

o dom de pintar e desenhar. A minha avó trabalha dias inteiros e, quando chega a casa depois do trabalho, ainda tem tempo para fazer tantas coisas!... Ela gosta que eu a ajude e ao meu avô a mexer com a tecnologia. Eu e ela adoramos as nossas conversas e gostamos de jogar às cartas. A minha avó passou por muito na sua infância, mas hoje é uma grande mulher.

A minha avó paterna também joga comigo às cartas e leva-me a passear pela aldeia onde mora. Gosto das nossas conversas, quando aos sábados vou passar o dia com ela e ando aos saltos pelo quintal. E gosto quando a minha avó me pede para eu lhe escrever histórias que ela depois lê à noite. Gosto quando ela corta o meu queijinho preferido. Apesar de não estar muito tempo com ela, adoro-a.

Apesar de ser ainda adolescente, tenho de falar da Joana, a minha prima. Ela é o mais próximo que tenho de uma irmã e é ela que alinha nas minhas maluquices, é com ela que converso sobre tudo. Desde pequeninas que temos discussões, mas são essas discussões que tornam a nossa amizade ainda mais especial.

Por fim refiro as minhas amigas.

Conheci a Joana Cruz aos três anos e surgiu logo uma grande amizade entre nós, que dura até hoje. E embora não estejamos atualmente muito presentes na vida

uma da outra, quando nos encontramos é como se os víssemos todos os dias. A Matilde, a Mafalda e a Catarina são minhas amigas, para além de colegas de turma. Elas têm-me apoiado muito nos últimos tempos. Ensinaram-me Inglês, a desenhar e que a amizade é uma das melhores coisas que temos na vida. A todas as pessoas que mencionei neste texto tenho ainda a dizer que são ou vão ser mulheres fantásticas!

As mulheres da minha vida IX – Tiago Fretes, 7.º B



As duas mulheres da minha vida são a minha mãe e a minha irmã.

A minha mãe ajuda-me desde sempre, tanto nos problemas pessoais, como ao nível da escola. E sem ela eu literalmente não existia. E é ela que, quando estou triste, me faz voltar a estar feliz.

Também a minha irmã me anima, se estou triste. É ela que me ajuda em situações de problemas da escola, pois já passou por isso. E às vezes até me ajuda nos trabalhos de casa.

São elas as duas que fazem os trabalhos domésticos, o que eu acho injusto. Por isso as ajudo, pois todos devemos ajudar quem nos ajuda.

Supermãe – Rita Gomes, 7º I

A minha mãe chama-se Suzana e é a pessoa mais incrível do Mundo! A minha mãe é mãe solteira! Ela tem que lidar com tudo sozinha. Tem duas filhas e ainda por cima, uma das filhas é adolescente. Meu Deus! Como é que ela consegue?! A minha mãe é a melhor! Nunca desiste quando preciso dela e ainda tem tempo para fazer o jantar. Meu Deus! Que poderes que aquela mulher tem!

A minha mãe é uma pessoa alegre e sorridente, não muito rígida. Só quando eu não arrumo o quarto! Ups!

A minha mãe tem um trabalho esgotante e rígido, por isso não é fácil. Mas mesmo assim consegue ser a melhor mãe do mundo.

Mães há muitas, mas como a minha só existe uma! Tenho tanta sorte em tê-la. A sério! Se me tivesse calhado outra, eu fugia do berço e andava a correr à procura dela.

A minha mãe merece tudo, por isso cá vai um poema dedicado a ela. Adoro-te, mãe!

A minha mãe é a minha mãe,
O que posso fazer?
É aquela mãe
Que não se pode escolher.

Eu tive sorte
De ter uma mãe
Que me dá um abraço forte.
Mas que mãe!

Tu és a minha heroína,
A minha adoração.
Tu és a minha rainha,
Rainha do meu coração.

Dediquei-te este texto e este poema, para te dizer que não há mãe melhor do que tu! Um beijo grande e que nunca, nunca me abandones, por favor!

ADORO-TE! Beijinhos!



Supermães, Super-avós e Outras Mulheres das Nossas Vidas

– Alunos das turmas 7.º A e 7.º B

Di Cavalcanti



As mulheres da minha vida são a minha mãe e a minha avó materna. A minha mãe ajuda-me nos trabalhos da escola e quando estou doente ela fica comigo. A minha avó tomou conta de mim nos dois primeiros anos de vida. Com ela aprendi a brincar, a comer e a ler. (Diogo Marona)

A minha mãe é muito importante para mim, pois é ela que me educa. A minha avó materna é outra das mulheres da minha vida, pois é ela que me faz os almoços (saborosos) durante a semana. Gosto muito de visitar a minha avó paterna, que faz umas sopas deliciosas! E, apesar das nossas brigas, a minha irmã é outra das mulheres importantes na minha vida. (Filipe Consolado)

A minha bisavó paterna e a minha mãe tiveram muito impacto na minha vida. Com a minha bisavó aprendi a falar e a ler espanhol e também me incentivou a começar a escrever antes de ir para a escola. Foi a minha mãe que em ensinou a falar. Ela tem cuidado de mim este tempo todo e tem-me sempre incentivado a estudar e ter boas notas. (Guilherme Simões)

Obrigado, mãe e avós, por cuidarem de mim. Obrigado, mãe, por estares sempre presente quando preciso. Obrigado, avó (paterna), por me teres ensinado esta lição de vida: nunca baixar a cabeça e enfrentar as coisas, nunca desistir do que é importante para nós. Obrigado, bisavó (materna), por, aos 95 anos de idade, cuidares de mim como se tivesses ainda 60 ou 70!

Vocês são as mulheres da minha vida! (João Pereira)

As mulheres que me marcaram mais até agora são a minha mãe e a minha avó. A minha mãe todos os dias se levanta cedo para ir trabalhar e regressa tarde, cansada depois do trabalho. Ela merecia mais respeito e melhor salário, porque ela trabalha há 24 anos e o seu salário está “congelado” há mais de 10. Em casa, é ela que faz a comida, me ajuda nos estudos e trata de mim quando estou doente. Devo-lhe a minha vida e todos os dias tento ajudá-la mais.

A minha avó só pôde estudar até ao 4.º ano e, por mais que ela quisesse ser psicóloga (essa era a profissão que ela gostaria de ter tido), não a deixaram, pois teve de ir trabalhar. Durante muitos anos viveu numa situação de tremenda desigualdade de género. Adoro ambas! (Lourenço Margalho)

A mulher da minha vida é a minha avó. Ela é sempre boazinha comigo e sempre me incentivou a ser melhor. É por isso que eu nunca desisto. Depois de a minha mãe se separar de mim, eu deixei-me ir abaixo e as minhas notas baixaram um pouco. É a minha avó que me dá força, pois sempre me diz que consigo passar esta fase. E já estou quase a conseguir. Obrigado, avó! (Manuel Silvestre)

Ela esteve e está sempre ao meu lado e ajuda-me sempre que eu preciso. Tem dois trabalhos para que não nos falte nada, a mim e ao meu irmão – e mesmo assim às vezes os meus avós têm de ajudar (obrigada, avós!). Ela apoia-me sempre, nos bons e nos maus momentos. Como já devem ter calculado, ela é a minha mãe!

As minhas avós e as minhas tias são as outras mulheres muito presentes e importantes na minha vida: são uma espécie de segundas mães, sempre disponíveis para me ajudarem. Obrigada a todas! (Matilde Moreno)

São três as mulheres da minha vida: a minha mãe, a minha avó e a minha irmã. A minha mãe trata-me com carinho todos os dias e posso sempre contar com o seu apoio. A minha irmã, apesar de por vezes ser um pouco aborrecida, preocupa-se comigo e é como se fosse a minha segunda mãe. A minha avó está sempre muito preocupada comigo, está sempre disposta a ajudar-me e quer, mais do que tudo, que eu engorde!

As três são tão especiais para mim que vou tentar ajudá-las sempre em tudo o que for preciso. Porque as amo! (Miguel Madeira)

A minha mãe e a minha avó são as mulheres da minha vida, que cuidaram de mim e nunca me deixaram faltar nada, que me ensinaram quase tudo o que sei, que estiveram presentes sempre que precisei, que têm feito tudo para eu ser feliz.

Passei parte da minha infância com a minha avó, mas, apesar de hoje em dia já não passarmos tanto tempo juntos, ela continua a ser a minha segunda mãe. (Rita Santos)

Dizer que sem a minha mãe eu não teria nascido é uma banalidade, mas também é uma grande verdade! Ela é a pessoa que mais trabalha lá em casa, fazendo mesmo as tarefas que não são dela. Apoia-me quando preciso e incentiva-me sempre a estudar e a ser uma boa pessoa.

A minha avó materna, apesar de ter mais 30 anos do que a minha mãe, continua a fazer as suas tarefas e ainda tem tempo para nos cozinhar comida deliciosa e para nos dar atenção. Ela tem 5 netos e consegue alimentar todos eles!

A minha avó paterna é muito especial para mim, porque ela mora num monte e tem sempre coisas para fazer. Como mora sozinha, tem um pouco de medo à noite. Então tentamos visitá-la sempre que podemos. Mas às vezes gostava que ela morasse em Évora, para poder estar mais tempo com ela. Ela também me ensinou a crer em Deus. E é muito engraçada!

Por tudo isto é que adoro a minha mãe e as minhas avós! (Tiago Menúria)

Dedicatória – Maria Inês Cristóvão, 12.º E

Na minha vida tenho mulheres e não uma mulher.
Tenho histórias e conselhos daquelas que são guerreiras
que me ajudarão para aquilo que vier
pois são as melhores companheiras!

Mas de todas elas, agradeço à minha mãe
que me protegeu da vida
e que me cuidou tão bem!

Para aquela que já partiu
e que Deus guarda,
só quero que ela saiba
que vai para sempre ser amada!

E a todas aquelas que pela minha vida passaram
um simples obrigada não é suficiente
para a alegria que me deixaram
que fez de mim uma mulher reluzente!

Explosão – Clarisse Lispector (1975)



A(s) mulher(es) da minha vida I

Catarina Rosmaninho – 12.º F

Looking back – Paula Rego (1987)



Pode dizer-se que a mulher é o ser mais sofrido ao longo de todos os séculos. Impedidas de exercer a cidadania plena, de progredir nas suas carreiras profissionais e, sobretudo, vítimas dos mais variadíssimos tipos de violência e desigualdade, nunca baixaram os braços! Mesmo sofrendo as maiores atrocidades, de que todos nós, em pleno século XXI, temos conhecimento, são o único ser que consegue gerar outro dentro de si e esta é, provavelmente, a maior ligação que dois seres podem ter

entre si.

Ser mulher não é uma tarefa fácil, mas permite-nos ser mães e, independentemente de todas as ligações interpessoais que se possam criar, Mãe é sempre Mãe! Todo o ser humano vai estar ligado a ela para o resto da sua vida. Nos primeiros anos, alimenta-nos através de si, protege-nos e cuida-nos, mas quando já somos capazes de desenvolver estas tarefas sozinhos, passa a educar-nos e a transmitir-nos os melhores valores para a vida. É assim com a minha mãe e com todas as outras mães dignas de serem chamadas assim.

A minha mãe é, sem dúvida alguma, a mulher da minha vida. Existe entre nós uma relação que não se explica. Diz-me sempre tudo o que eu não quero ouvir, mas reforça a ideia com a conhecida expressão “é para o teu bem”. Como é que ela está sempre certa? Parece que tem um dedo que adivinha acerca de tudo o que se passa na minha vida. Deve haver algum tipo de ensino superior para as mães, caso contrário, como é que aprendem tudo o que têm de saber para lidar com os filhos? Nos primeiros anos é o alimentar, o mudar das fraldas e as massagens para as cólicas, depois, a partir dos cinco anos, vêm os castigos, os conselhos e os ralhetes.

Com todas estas coisas, o que mais intriga é o amor que sinto por esta pessoa. Não é explicável e, muito menos, mensurável. Só sei que dava a minha vida por ela

e ela por mim e isso já é forte o suficiente. Temos ideias e maneiras de ser diferentes, discussões de cortar à faca, mas no fim, continua minha Mãe. Então para quê isto? Não me sinto uma adolescente com problemas, mas só há uma razão para isto: a minha mãe tem feito um ótimo trabalho! Foi comigo que aprendeu o que é gostar de alguém com todas as suas forças. E podemos discutir e seguirmos ideias diferentes, mas haverá sempre uma ligação inquebrável.

Em jeito de conclusão, deixo um grande conselho. Aproveitem os momentos que têm com as mulheres das vossas vidas, não só as Mães, mas as Avós, as Tias, as Madrinhas e as Amigas! Porque a vida é curta e todos os momentos são únicos, não os deixem escapar por entre os dedos!

A(s) Mulher(es) da minha vida II – Susana Ramos 12.º E

Dia vinte e quatro de fevereiro de 1939, um dia tão comum num país salazarista que acabara de ver novamente o nascer do sol.

Poderia ser uma sexta-feira tranquila como tantas outras, mas o destino reservara algo especial para Clarice e Filipe Marcelino: a sua primogénita veria o mundo com os seus próprios olhos pela primeira vez, não em Lisboa (onde o conforto do parto teria sido assegurado), mas na modesta aldeia alentejana de Corte do Pinto.

Anaíza (“escrito tudo junto, com um z e acento agudo, por favor”) manteria relações próximas com a capital, para onde se dirigia de automotora ao encontro das mais recentes exposições de artistas de todo o globo. Uma mulher independente, com sede de inspiração, uma sonhadora e romântica incurável nem sempre compreendida numa casa imersa no ideal conservador de um pai autoritário.

Com apenas treze anos, enquanto se deslocava uma vez mais para o estabelecimento escolar retrógrado onde recebeu formação feminina básica, deparou-se com a pessoa que mudaria a sua vida para sempre. Como que por orquestração divina, avistou João Santos, um jovem adulto exoticamente moreno com olhos cor de mel, contrastantes com a dureza da vida de um rapaz de dezassete anos que conciliava os estudos noturnos com o trabalho diurno que ajudava a pôr comida numa mesa alargada.

Perdidamente inocente e loucamente apaixonada, Anaíza ansiava pelo entardecer, por se debruçar sobre a janela do seu quarto e ver o vulto longínquo daquele que amava, um efémero contacto sensorial tão sagrado como as doces cartas que ele lhe enviava com regularidade.

Poderia contar-vos toda a grandiosa história de amor que os uniu e sempre conectará os seus espíritos cúmplices para lá do que a efemeridade da vida terrena lhes permitiu. Poderia relatar todos os entraves de uma paixão vigiada por oficiais da GNR, a pedido de um pai que não aceitava ver a inocência da sua filha ser levada tão cedo. Poderia adotar os sofrimentos de uma jovem adulta que viu o seu namorado arrastado para o Ultramar, de todas as lágrimas derramadas sobre os telegramas de África que anunciavam nada mais do que a chegada em segurança a uma nova localidade, acompanhados de uma resma de declarações redigidas diariamente, tão puras como o sentimento que esfumava milhares de quilómetros.

Anaíza Maria merece um retrato da força escondida para lá do pranto. Uma mulher de armas, de resiliência e de fé, que abdicou do ensino especializado em prol do sonho da sua irmã mais nova, que se manteve firme no seu objetivo de indepen-

dência de qualquer figura masculina, começando a ensinar trabalhos domésticos a mulheres ingressantes nas formações femininas em busca de um futuro melhor, angariando assim o dinheiro suficiente para comprar a sua própria casa.

Não só uma mulher, mas uma eterna artista que imortaliza o que a envolve em telas e folhas soltas, a aguarelas ou a carvão. Mesmo quando conseguiu alcançar o seu sonho profissional de ensinar crianças de todas as origens a exprimirem-se artisticamente, talvez a sua obra-prima tenha sido concebida aos vinte cinco anos. Com traços angélicos, leves, perfeitos, adotou uma forma humana real. Paula Cristina



Revolução – Alexandre Rola (1916)

foi o nome atribuído, em honra do nascimento de Cristo, dia simbólico em que abençoadamente nasceu.

Creio que Paula foi, mais do que o consumir de um amor eterno, uma justa continuidade do legado de força que lhe corre nas veias.

Também ela é uma mulher admirável e incomparável, de uma força interior que move montanhas, de um ideal de independência que a fez sair de Beja por conta própria em busca do sonho. Também ela co-protagonista de uma invejável história de amor, oficializada no mesmo terraço que serviu de cenário para a primeira fotografia conjunta de Anaíza e João, tirada décadas antes.

Também ela uma sonhadora e uma guerreira que, contra todas as probabilidades,

trouxe ao mundo uma nova vida no primeiro ano do nosso século, no dia após a Ressurreição de Cristo.

Falo de mim, Susana, que orgulhosamente carrego no meu nome o testemunho das mulheres da minha vida e a sua força na alma, para que possa inspirar quem me rodeia e escrever a minha própria história.

Carta à minha avó – Inês Malhado, 12.º E

Carta – Thomas Brook



Querida Avó,

Por muitas vezes, imaginei-me a escrever tudo aquilo que não te cheguei a dizer, e, agora que o faço realmente, faltam-me as palavras. Tenho-o evitado. Espero que, onde quer que estejas, percebas as infinitas saudades que nos deixas. Não posso deixar de pensar na pessoa que eras e que sempre serás para mim, se não me fizer relembrar tudo aquilo que vivi contigo. Tudo aquilo que me ensinaste. No agora, agarro-me com unhas e dentes a todas as memórias que partilhei contigo, quando, na verdade, quando as vivi ao vivo e a cores, nunca pensei que, por mais banais que tivessem sido, se

tornassem tão especiais. Por vezes lembro-me de momentos que nunca pensei que ainda estivessem guardados em mim numa gaveta.

Tenho saudades da tua cara carinhosa, das rugas que dela começaram habitualmente a fazer parte e que conhecias como a palma da tua mão, do teu sorriso e do brilho que iluminava os teus pequenos olhos. Tenho saudades de coisas simples como o cheiro a laca que se espalhava pela casa toda depois de te arranjares, ou até do aroma dos teus perfumes tão intensos que me deixavam atordoada. Tenho saudades das tuas histórias, daquelas que eu te implorava até à exaustão quando as tardes não pareciam ter fim.

Tenho saudades de quando me davas a mão para passarmos a estrada juntas a caminho da escola. Tenho saudades de todas as refeições que nos preparavas com todo o amor e que nos aqueciam a alma. Tenho saudades de quando passavas horas a fio a ver desenhos animados à minha conta, e de quando, em retorno, víamos os teus programas da tarde. Tenho saudades das revistas que lias em voz alta, mesmo que

não me dissessem nada concretamente. Tenho saudades de ir contigo à mercearia de manhã e de me apresentares sempre, com todo o orgulho, como a «pequenina da Cristina», a tua neta mais nova.

Tenho saudades de tudo aquilo que não pode voltar e de todo o futuro em que te imaginei presente. Tenho saudades de não ter saudades.

Espero que, por momento algum, por mais breve que tenha sido, tenhas percebido o quão grata e orgulhosa me senti, que ainda sinto, e sempre sentirei, de ter tido a oportunidade de te chamar vezes sem conta «avó». Grata por ter conhecido alguém tão único como tu. Uma pessoa forte, trabalhadora, amável e serena. Uma pessoa com um coração gigante. Uma mão amiga. Uma mãe. Uma avó. Mas, acima de tudo, uma Mulher. Uma grande Mulher. Não poderia estar mais agradecida por todos os anos que te tive perto, por todas as fases que me ajudaste a crescer e a tornar-me na pessoa que sou hoje, algo que certamente levarei eternamente comigo.

Apesar do pensamento constante de que a tua poltrona está vazia, de que já não nos esperas na sala que antes tivera tanta vida, por mais que tudo isso e muito mais me deixe invadir por tão profunda tristeza, prometo recordar-te sempre com a mesma ternura que infindavelmente me deste. Desculpa se não consigo aceitar que partiste. Desculpa se nunca for capaz de o fazer. Desculpa o meu egoísmo de nunca te querer perder.

Por agora, tudo o que posso dizer é que um «obrigada vale mais que mil palavras». Obrigada, Avó. Muito obrigada. Adoro-te com tudo o que há em mim. Garanto-te que te levaremos sempre connosco.

Isto não é um adeus, é um até logo com muitas saudades.

Da tua pequena,

Inês

Carta à minha mãe – Liliana Marques, 12.º E

Évora, 8 de março de 2019

Querida mãe,

Hoje é o nosso dia! O meu, o teu, o de todas as Mulheres (sim, Mulher com M maiúsculo, porque somos grandes, somos corajosas, lutadoras e persistentes). Mulheres que passaram pelo nosso mundo e que lutaram por direitos, que deveriam ser inabaláveis a todos os seres humanos, como a igualdade, o sufrágio universal, e tantos outros que nos permitiram a nós, mulheres fortes e independentes da atualidade, mostrar o nosso valor à sociedade e a viver num mundo onde não somos inferiorizadas



(ou não deveríamos ser) e em que a expressão igualdade de género é algo que consideramos essencial.

É tão bom podermos viver num mundo que luta contra a desigualdade, o preconceito, o racismo, a violência, a pobreza (e muitos outros)!

Mas para mim este dia tem uma conotação especial. Porque este dia é para mim uma lembrança de tudo aquilo que és e de tudo aquilo que conquistaste, de tudo aquilo que fizeste e fazes por mim e de tudo aquilo que me tens vindo a ensinar, através do teu exemplo de altruísmo, fé, coragem, força, dedicação e amor.

QUEM ÉS?

Honestamente, não sei exatamente quem és. És tão multifacetada! Como novelo de lâ emaranhado. Quando penso ter encontrado uma das pontas, percebo que tenho de “dar a volta” ao novelo para chegar à outra ponta. O mesmo acontece contigo. Quando penso ter conhecido um pouco mais do teu ser, percebo que apenas vi um

ínfimo daquilo que és tu, mãe.

No entanto, acerca disto não tenho qualquer dúvida. Eis quem és para mim: mãe, amiga, exemplo.

Não sei o que da vida me espera, não sei os amigos que irei fazer ao longo da vida. Talvez venha a ser feliz e bem-sucedida, talvez não. Mas sei de uma coisa certa. A tua presença será sempre uma constante na minha vida. Tal como o teu amor por mim. E o meu por ti.

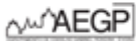
Por vezes, surpreendo-me a pensar no que te diria se soubesse que teria apenas mais um dia contigo?

Amo-te. Acho que não são necessárias explicações algumas, está tudo dito. De facto, o amor não se explica... sente-se, dá-se, demonstra-se.

Obrigada. São tantas as razões que me levam a querer agradecer-te. Parece uma palavra tão simples esta. Obrigada. Mas esta palavra, apesar da sua beleza, nada significa. Aquilo que lhe dá significado é a sinceridade e o amor com que a pronunciamos. E isso eu tenho de sobra. Como não? Deste-me a vida. Criaste-me. Deste-me os valores que me tornaram na pessoa que sou hoje. Foste, és e serás sempre um exemplo para mim.

Que mundo tão belo este que me deu uma Mãe como tu. Obrigada, mãe, obrigada, Mundo. Obrigada.

Liliana



REPÚBLICA
PORTUGUESA
Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares
Delegação de Serviços da Região Alentejo
Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira, Évora - 135549
Sede: Escola Secundária Gabriel Pereira



FIM